

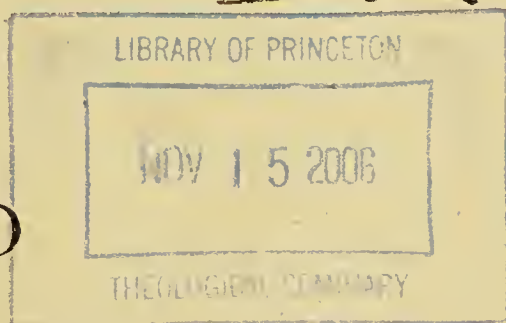
Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

LAP

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)



SUMÁRIO

Jesus Voltou no seu Corpo Espiritual
 Roma, Nero e os Cristãos — A Tra-
 gédia dos Tempos Antigos
 Memórias de um Espírita Baiano
 * * *
 Auto-Sugestão e Mediunismo
 A Descoberta do Espírito
 Dr. Karl Muller — Novo Presidente
 da Federação Espírita Internacional
 Hipnotismo e Espiritismo
 Rumo a Seguir
 Espiritismo e Criminologia
 Govêrno de Povo
 Nós e os nossos acompanhantes do
 Espaço
 31 de Março
 Crônica Estrangeira
 Espiritismo no Brasil

Redação

Carlos Imbassahy
Leopoldo Machado
Arnaldo S. Thiago
V. O. Casella
Hernani Guimarães Andrade

Cícero Pimentel
Luiz Caramaschi
Samuel Gomes da Costa
Aleixo Victor Magaldi
Dr. Giuseppe Manuel Minardi

v. lirenedo
Redação
Redação
Redação

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.^a edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. \$ 16,00, inclusive porte e registro.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinamentos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr. \$ 86,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.^a edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interesse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. \$ 16,00, inclusive porte e registro.

LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Livros e Jornais Espíritas

Livraria Especializada — Obras raras nacionais e estrangeiras

Livros espíritas das principais editoras do país

Direção de

Vicente S. Neto

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º and. — Sala 2
Tel. 36-3146 — Caixa Postal 4921 — S. PAULO

Os assinantes de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», e demais interessados poderão procurar, no endereço acima, o sr. Vicente S. Neto, nosso representante, para tratar de qualquer assunto referente às nossas publicações.

O DIABO E A IGREJA

Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de mosenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço : Cr.\$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabiliza pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo*

REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

Jesus Voltou no seu Corpo Espiritual

A mais Célebre Sessão do Mundo



principal tarefa do Espiritismo é repetir aos homens, e com a maior insistência, o brado que ecoou há 2.000 anos na Judéia, logo após a morte de Cristo Jesus: *O Cristo ressuscitou! O Cristo vive!*

O homem procurou tornar a ressurreição e os reaparecimentos de Jesus, um fenômeno excepcional e único, um milagre, mas assim não é. Ele somente demonstrou a lei de Deus, a lei da Natureza, que se aplica a todos nós — isto é, que continuaremos a viver depois da morte e que nos será possível reaparecer aos que nos choram.

Como reapareceu Jesus aos que lamentavam a sua morte?

Jesus disse a Maria — «Não me toques». Pouco depois outras mulheres caíram a seus pés e os enlaçaram. O texto grego diz : «se apoderaram de seus pés». Mas dessa feita Jesus não lhes disse : «Não me toqueis!». Porque Ele não se opôs dessa vez?

É evidente que o corpo materializado, por meio do qual Ele então se manifestava, era muito mais forte, mais substancial do que aquêle que Maria tentara tocar. As «condições» eram mais favoráveis. Havia mais *potência*, havia mais pessoas capazes de fornecer os elementos necessários. A materialização estava mais

completa, razão por que as mulheres O reconheceram, o que não aconteceu a Maria, que julgou tratar-se do jardineiro ao qual disse : «Se tu o tiraste daqui, dize onde o puseste».

Os espíritas devem notar que a materialização se realizara de madrugada «sendo ainda escuro».

O relato dos soldados

Alguns da guarda, foram à cidade e anunciaram aos príncipes dos sacerdotes «tôdas as coisas que haviam acontecido». Quais os acontecimentos que haviam presenciado?

Êles haviam sido testemunhas de alguns dos espantosos fenômenos ocorridos no sepulcro, fatos que foram relatar aos príncipes dos sacerdotes. O texto não menciona houvessem êles sido repreendidos por desleixo no cumprimento de seus deveres. Pelo contrário, deram-lhes uma considerável soma de dinheiro para pagar uma mentira, a saber, «que seus discípulos foram à noite e roubaram o corpo, enquanto dormiam.

Nenhuma mentira poderia ser mais débil em seus efeitos, visto que os apóstolos nunca teriam pregado, sofrido, e nunca se ofereceriam à morte para sustentar tão gigantesca impostura.

O fato era que os sacerdotes não

podiam apresentar o corpo e, no auge da perplexidade, não sabiam o que fazer.

O que estava acontecendo na *Câmara Alta*, onde os discípulos estavam «tristes e chorosos»? Maria irrompeu de súbito, com a notícia: «Eu vi o Senhor. Êle dirigiu-me a palavra. Êle chamou-me pelo meu nome—Maria». Mas os apóstolos «não creram».

Depois vieram as «outras mulheres» e afirmaram que também elas haviam visto a Jesus e, mais ainda, haviam abraçado seus pés. Mas, «suas palavras pareciam contos fantásticos», e não lhes deram crédito».

Foi só então que Pedro sentiu-se impellido a revelar o seu segredo. Também êle vira a Jesus e não podia suportar que seus companheiros de apostolado impugnassem o testemunho das mulheres. Confessou, pois, que também êle vira a Jesus, redivivo. Não nos dizem os Evangelhos quando Jesus fôra visto por Pedro. Que lhe disse Jesus? Pedro nada revelou a êsse respeito. A entrevista deveria ter sido muito delicada, muito pessoal, para que Pedro a tornasse pública. Lembremo-nos que era essa a primeira vez em que Pedro se encontrava com Jesus, depois de o ter negado. O testemunho de Pedro convenceu os apóstolos incrédulos.

E quando poucos momentos depois, dois outros discípulos, Cleofas e seu companheiro, entraram com a estupenda história do que lhes acontecera na estrada de Emaús, houve uma exclamação de júbilo: Jesus ressuscitou! É um fato! O Mestre foi visto por Pedro!»

O que os dois viram só é compreensível a espíritas.

Enquanto se dirigiam a Emaús, iam falando entre si de todos os acontecimentos daqueles dias, quando o mesmo Jesus se aproximou e caminhava com êles. O viandante não se parecia com Jesus, e por isso não foi reconhecido. A materialização era imperfeita, ou fraca.

«Que palavras são essas que, caminhando, trocáis entre vós, e porque estais tristes?» perguntou Jesus. Cleofas respondeu: És tu o único peregrino em Jerusalém que não sabe as coisas que nela têm sucedido nestes dias?»

Estava *escurecendo*, notemos bem, quando chegaram a Emaús, e êles persuadiram o estrangeiro, que lhes citou as Escrituras, provando ser um companheiro inteligente, a permanecer com êles. E

aconteceu que, estando com êles à mesa, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o, e lhos deu. Abriram-se-lhes os olhos e O reconheceram.

As «condições» eram mais favoráveis no interior da casa do que na estrada. Havia menos luz e mais «poder», e a forma materializada estava mais consistente. Os espíritas sabem que a luz exerce um efeito dissolvente sobre muitos corpos da natureza e principalmente sobre as formas materializadas. Tudo isso nos é perfeitamente familiar. As experiências do processo de materialização nos identificaram com as «condições», ectoplasma, formas materializadas, fortes e fracas.

Na estrada de Emaús, os discípulos contaram ao desconhecido a história do sepulcro vazio, e o que Pedro relatara acerca da posição do «lençol» e da «faixa», que demonstravam que o corpo se exalava, se desmaterializava, o que punha a todos perplexos.

Jesus não tentou explicar-lhes o processo da «desmaterialização». Êle sabia que uma demonstração seria incomparavelmente mais compreensível. No momento da ceia, êle precisamente se «esvaecia diante dêles».

O texto grego relata fielmente aquilo que os dois discípulos viram. A versão não diz: «êle se tornou invisível a êles». O texto diz: «êle se esvaecia diante dêles», o que significa que gradualmente êle definhava diante dêles, gradualmente se desmaterializava.

Êles presenciaram o fato, e apressadamente voltaram para relatar detalhadamente o ocorrido aos discípulos — especialmente a Pedro. Isto forneceu a Pedro a solução do problema do lençol que envolvera o corpo, e «posto» sem indício de desarranjo, e a faixa que conservara a forma da cabeça.

Fatos idênticos se reproduzem, se multiplicam nas sessões do século XX, e em 1872 pela célebre desmaterialização de Katie King, constante do relato do eminente físico William Crookes, e outra análoga descrita por outro sábio eminente, A. Aksakoff. Katie King estava completamente «materializada», a sua forma atingira o máximo de perfeição e intensidade. A sessão se realizava numa sala que media quatro metros quadrados, quando permitiu que sobre ela incidissem as

luzes intensas dos bicos de gás, que completamente lhe iluminaram a figura.

Sob a luz intensa, ela somente se conservou reconhecível por espaço de um segundo, pois sua figura começou, de súbito, a fundir-se até que dela nada mais restava; e «nós, diz o relator — contiuávamos a fixar o lugar em que ela estivera de pé, apenas um segundo antes.»

Mas, os sucessos mais assombrosos se verificaram na célebre Câmara-Alta. Fora, reinava a *escuridão*, e a câmara estava imersa em semi-trevas, pois os discípulos lá estavam ocultos, quando os dois entraram com a estupenda notícia. Imediatamente começaram a descrever sua extraordinária aventura, e, enquanto faziam a narrativa (trancadas as portas e janelas) Jesus se materializou no meio deles. Todos êles, foram prêsas de terror, pois cuidavam que viam algum espectro. Notemos que considerável era a assistência, muitas as pessoas dotadas de faculdades mediúnicas, dentre as quais se salientavam Pedro, Tiago e João, os mesmos que estiveram presentes no Monte Tabor, quando se materializaram Moisés e Elias. O Evangelista Lucas em sua descrição dessa memorável sessão deixa perceber que nem sequer faltou o estado de transe, pois diz textualmente: Pedro e os que se achavam com êle estavam carregados de sono, e, quando despertaram, viram a sua glória e aquêles dois varões que estavam com êle». Jesus pôde, pois, reconstituir em seu corpo efêmero as marcas dos cravos, assim como a ferida produzida pela lança, para efeito de identificação. Disse, pois, Jesus: «Porque estais atemorizados, porque sois incrédulos? Vêde as minhas mãos e os meus pés. Vêde as marcas dos cravos. Sou eu mesmo. A palpai-me e vêde...»

O Dr. Abraham Wallace, célebre naturalista e êmulo de Darwin, nos diz em sua obra «Jesus de Nazaret», que em uma sessão, êle verificou materializações de corpos e roupas. Para êsses dois sábios, como para muitos outros, o processo da «Ressurreição» é uma lei natural.

«Não me toques», disse Jesus a Maria. Porque não tocá-lo? Se Jesus houvesse surgido revestido de seu corpo físico, certamente êle teria encorajado Maria a apertá-lo firmemente, afim de que ela pudesse relatar o fato aos discípulos. Poderia existir prova mais convincente?

Porém, não se tratava de seu corpo físico. Êste fôra desmaterializado. Tratava-se de uma *fraca materialização*, construída à custa do ectoplasma haurido do jardineiro. Jesus conhecia, como o sabem espíritas, que uma fraca materialização pode desfazer-se ao contacto de mãos humanas, por isso Êle impediu que Maria o tocasse, tudo em benefício da mesma Maria.

Pela terceira vez apareceu Jesus a alguns discípulos pelos quais também não foi reconhecido, como se dera com Maria, Cleofas e o outro discípulo a caminho de Emaús.

Pedro e oito discípulos foram pescar no mar Tiberíades e naquela noite nada apanharam.

Ao *clarear da madrugada*, estava Jesus na praia, mas os discípulos não O reconheceram. Não tendo êles o que comer, disse-lhes Jesus: Lançai a rêde à direita do barco e achareis. Assim fizeram e já não podiam puchá-la, tão grande era a quantidade de peixes.

O discípulo amado disse a Pedro: «É o Senhor». Pedro cingiu-se e lançou-se no mar. Disse Jesus: Vinde, comei.

Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: «Quem és tu? porque sabiam que era o Senhor».

Se Jesus ali estivesse no corpo físico, que êles tão bem conheceram, absurdo seria perguntar «Quem és tu». E como podiam êles saber que era o Senhor? Pela repetição de um fato que se verificara na «Pesca Maravilhosa», junto ao lago de Genezaré, quando Jesus estava ao lado de Pedro e os outros que trabalharam a noite tôda e nada conseguiram apanhar. Mas, obedecendo a Jesus, lançaram as rêdes e apanharam grande quantidade de peixes, e rompiam-se as rêdes.

Tudo demonstra que não era o corpo físico de Jesus que ali estava, mas sim o seu Espírito materializado, que não guardava traços do corpo que tão bem haviam conhecido.

Cada leito mortuário profetiza uma ressurreição, e cada sepultura é o início de uma vida futura.

Deus não é o Deus de mortos, porém de vivos e os homens surgem dos túmulos e derramam seu amor sôbre os que deixaram na terra.

Roma, Nero e os Cristãos

A Tragédia dos Tempos Antigos

— II —

NERO

A história dos manejos de Agripina para colocar o filho no poder é um exemplo vivo que nos fornece a Providência para mostrar como podem ser frustradas as nossas ações por mais bem combinadas que sejam ou mais bem urdidas que pareçam.

Não houve recurso, indignidade ou crime de que não lançasse mão para conseguir seus designios. Manchou-se de lama e de sangue. O que ela pretendia era governar em nome do filho; queria fazer dêle um boneco, cujos gestos estivessem na conformidade dos puxavões que desse nas cordas; o fantoche deveria estar inteiramente em suas mãos.

Veremos como o destino a desiludiu.

Agripina ia pelos seus 40 anos e Nero tinha 17 quando o aclamaram.

De coisêo impressionou por sua moderação e até por seu tino administrativo; aboliu ou melhorou os tributos, restituiu a liberdade do senado, acabou com os jogos cruentos do circo, dispensou as estátuas que o Senado lhe mandara erigir; apesar de sua rivalidade com Britânico, filho de Cláudio, não o quis perseguir, nem aos seus amigos; um tal Sosanius escreveu versos contra êle e êle deixou passar. Ao assinar uma sentença de morte, dissera: — Quisera não saber escrever. — O povo adorava-o.

Sua educação foi fastidiosa, com a mãe a tiraná-lo, prês a ao seu cós de calça, preparando um imperador por meio do qual pudesse governar.

Êle estava agora livre; ou pensou que o estivesse. Mas, já não ouvia Agripina nem lhe pedia os conselhos. Ela revoltava-se, declarando que Nero ainda não estava em idade de deliberar sòzinho.

Êste começou a entrar profundamente em estudos artísticos; tomou lições com o afamado Terpnus; entrou a declamar.

Sêneca sorria, Bunhus não opinava, mas Agripina encolerizava-se e chamava-lhe imbecil.

Nero intimava a a não se meter com sua vida e trazia para o palácio os colegas de arte, e os intelectuais como Petrônio, o árbitro das elegâncias, a quem o notável Sienczewicz reservou um papel de relêvo no seu imortal *Quo Vadis*.

Dai começou a descambar. Com alguns amigos meteu-se em pagodeiras e farras noturnas, provocando desordens, algazarras, sustos nos pacatos moradores.

Certa noite, Nero, disfarçado, cercou uma mulher. O marido, o senador Montanus, deu-lhe uma coça. Sabendo em quem tinha batido caiu na asneira de mandar pedir desculpas. — Pois que êle sabe em quem bateu, disse Nero, tem que morrer. Montanus foi obrigado a suicidar-se.

Nero ensaiava-se no crime.

Depois, principiou sua vida amorosa: seduz uma Vestal e apaixona-se pela escrava Acté, a quem mais tarde abandona.

Expulsa de palácio, Pallas, o favorito de Agripina. Já anteriormente, manobrava de maneira a que Agripina, que costumava assistir às suas recepções, chegasse tarde quando houve a de uma deputação da Armênia.

A rainha mãe recebe assim um segundo golpe. Tácito, nos *Anais*, declara que daí em diante entregou-se ela a um sistema de terrores e ameaças. Chegou ao extremo de declarar que Britânico seria o imperador.

Para que o disse! Ao jantar estavam todos reunidos, inclusive Otávia e Britânico. Ao fim do repasto trouxeram ao moço um copo de vinho e logo após êle perdia os sentidos e caía. Estava morto.

A fornecedora do veneno foi a célebre Locusta.

Não ficou aí a reação de Nero. Achando sinistra a presença materna, fê-la sair de palácio e mandou-a morar no

palácio da avó; tirou-lhe a guarda. Ia, entretanto, visitá-la e aconselhou-a a que deixasse a política.

Entre os poucos que a visitavam havia um jovem que já se estava tornando muito íntimo, Rubellius Plautus, o qual, por seu parentesco real, bem poderia aspirar à corôa. Pois um dia vieram dizer a Nero que êsse moço ia casar-se com Agripina, para tornar-se imperador.

Não se provou a acusação e Nero mandou matar alguns dos acusadores.

Entra em cena Popéia. Popéia era mulher de Othon, e Nero se apaixonou por ela. O epílogo foi feliz para todos. Nero ficou com a Popéia, que era uma linda mulher; Popéia adquire para marido um imperador; e Othon é agraciado, em troca da espôsa, com o governo da Lusitânia, que é hoje o nosso conhecido Portugal.

Popéia principiou por metamorfosear o palácio, dando-lhe extraordinário luxo e levando o apaixonado monarca a despesas fantásticas.

Agripina soube do novo romance e opôs-se, o que grangeou a animadversão de Popéia.

Ela continuava com a obsessão do mando. E alguns escritores modernos, no desejo de atenuar as malfetorias de Nero, não cessam de louvar-lhe a paciência no aturar as impertinências da mãe.

Mas tudo tem um limite, até mesmo a paciência dos imperadores. E êle fêz apenas isto: mandou matá-la.

Pelo visto, os defensores acharam um caso natural. Deu-se assim:

Em princípios de 59, Nero estava em vilegiatura no seu palácio de Baies, no golfo de Nápoles, onde Agripina também tinha casa. Chamou um seu liberto, Anicetus, e lhe revelou as inconveniências da progenitora. Anicetus prometeu acabar com ela e aconselhou que a chamasse.

Nero chamou. Uma morte natural ou accidental seria uma boa solução para o caso, e é o que ficou resolvido.

Um historiador, Arthur Weigall, assim exprime os bons sentimentos de Nero: — Êle se sentia quase feliz por poder poupar-lhe com êste processo a ignomínia de uma acusação pública e da inevitável condenação.

E o processo demonstrativo do gran-

de amor filial de Nero foi o seguinte:

Preparou-se uma galera fácil de sossobrar, com válvulas que se abririam no momento oportuno. Agripina embarcou, de volta do seu belo passeio; Anicetus assume o comando. No oportuno momento, abrem-se as válvulas. O navio, porém, não afundou com a precipitação desejada. Agripina e sua dama de honra Acerrônia, caem nágua. Esta última põe-se a pedir socôrro e tomou uma paulada na cabeça, que a fêz calar para sempre. Agripina conseguiu alcançar a terra. Recolhida por um barco de pesca, voltou para a sua vila.

O Almirante comunica a Nero que sua mãe se salvou. Nero apavora-se com as prováveis consequências e, a conselho dos amigos, manda que Anicetus termine a tarefa. Êste parte, com gente dedicada, para a casa de Agripina. Ela vela, quando se abriu uma porta, e Anicetus, armado, avançou para ela. Vendose perdida, gritou-lhe: — Fere-me aqui no seio que amamentou Nero. Os matadores hesitaram, mas um dêles deu-lhe forte pancada na cabeça e Anicetus atravessou-a com a espada.

Assim terminou a grande culpada de inúmeros assassínios. Assim morreu Agripina.

O crime de Nero ficou abafado pelo regosijo público. Êle, porém, começou a ver em tôda a parte, o fantasma ensanguentado da que lhe dera o sêr. Recorreu ao que então chamavam o Ocultismo, para evocar o espírito materno, porém êste não lhe apareceu. A maldição que lhe teria lançado, criou um peço intransponível.

Um bom católico não deixaria de afirmar a impossibilidade da aparição, pois que ela devia estar no Inferno.

Mas o que conviria salientar são as grandes lições da Providência. E esta veio pelas mãos da História. Ha outras que se parecem.

Agripina tinha a idéia fixa de levar Nero ao poder. Adquiriu a crença de que nada deveria alterar ou perturbar os seus planos, que levou ao paroxismo de nefandos crimes.

Suas medidas foram extremas. Para os fins que tinha em vista, constantemente alimentados por uma ambição desmedida, eliminou pela intriga, pela traição, pela delação, pelo veneno, pelo punhal, homens e mulheres; todos, en-

fim, que apareciam como um obstáculo à ascensão do filho. Ela só tinha um alvo o poder. Ela vivia dominada pela febre do fastígio. E quando parecia assegurada a vitória, quando tinham desaparecido pelo assassinio tantos quantos podiam ensombrar os dispositivos por ela traçados, tudo ruiu fragorosamente.

Nero não obedece. Nero se insurge. Nero revolta-se. E o seu infortúnio, e o seu fim vem pelo braço e pela cabeça dêsse querido filho, talvez a única pessoa a quem ela tivesse amado. É por êsse filho que ela desaparece do cenário político e do cenário da vida, como o

fizera ela com tantos outros que tiveram a desgraça de cair em seu desagrado.

Há ironias trágicas nas forças ocultas da Natureza. É necessário meditar sôbre elas. A justiça se manifesta por processos insondáveis, por meios imprevisíveis.

Acha-se assestado sôbre nós o olhar divino, e quando supomos estar iludindo os Designios Supremos, os mais dramaticamente iludidos somos nós.

Continua a história.

Carlos Imbassahy

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

6 — Maneirosamente, passei, depois de conversarmos sôbre literatura, artes, demorando-nos agradavelmente na poesia, ao Espiritismo. Apesar de não suportar a argumentação espírita, não se rendeu, porém, mudando, educadamente, de conversa.

7 — Depois de um cafêzinho gostoso, ofereci-lhe um charuto. Surprezo, interrogou-me: — «Mas, o senhor fuma?»

— «Por que tôda esta admiração, se há tanta gente que fuma?»

— «Mas, esta tanta gente que fuma não tem a sua inteligência e o caráter que vislumbrei no amigo através de nossa palestra. O senhor devia envergonhar-se dêste charuto, do feio vício que tem».

Compreendi então, porque aquêle homem era apontado como grosseiro e mau. Tal franqueza só homens como eu entenderiam...

8 — Provou-me que o fumante é um dominado, um autômato, como tôda pessoa escravizada a qualquer vício. Não o pude contestar. Ofereceu-me, com dedicatória um livro seu «O vício de fumar». Desafiou-me a passar um mês sem o charuto. Aceitei o desafio e nunca mais fumei.

9 — Eugênio George, nome que jamais esquecerei, foi o francês, ateu e comunista, que me fêz abandonar o nojento vício do fumo. A um homem, ateu

e comunista, eu, espiritista e ardoroso defensor da liberal democracia, devo ter abandonado, no Natal de 1925, tão nauseabundo vício... Grandes lições da vida que nos provam que em todos os corações podem germinar grandes virtudes, sejam quais forem a crença e a ideologia de seus donos...

10 — Apesar de fumar, às vezes, nunca fui grande viciado, de vez que meu gasto, com cigarros, nunca passou de trinta cruzeiros por mês. O dinheiro que gastava com êles, passou para uma prestação mensal de um Dicionário Enciclopédico, da Jakson, que ainda possuo. Pago o dicionário, verifiquei como lucrara com a troca...

11 — Eugênio George foi procurado, em 1932, como comunista. Recebeu à bala os soldados, matando um dêles. Entrou em juri e foi absolvido. Logo depois, morreu. Quando soube de sua morte, escrevi uma crônica em *A Pátria*, narrando tudo que aqui contei.

12 — Na vigência da lei Rocha Vaz fui incluído em bancas examinadoras. A primeira foi em Petrópolis, no Colégio Vicente de Paula, em companhia do Almirante que me avisou da solenidade de instalação das bancas examinadoras. Aconselhou-me a comprar um fraque. Comprei o do Lima que não o

usava mais e lá nos fomos no rigor de então.

13 — Foi nosso companheiro de banca, o dr. Sady Cardoso de Gusmão que entrou a ler uma versalhada sem expressão e sem música, ao nosso primeiro jantar. Pediu a nossa opinião e, com geito, a deixamos de dar. Como o Almirante dissesse que «o Leopoldo era poeta», exigiu lhe declamasse um soneto meu. Disse *Perfeição*, em alexandrinos heráldicos. Depois de escutá-lo, em silêncio, não quis continuar mais a leitura de seus versos.

14 — Conhecemos também, nesta ocasião, o dr. Ascânio Ribeiro, renomado dentista da cidade. Gostou tanto do *Perfeição* que propôs a minha entrada para membro da Sociedade de Letras de Petrópolis.

15 — Apesar de nossa relutância, resolvemos fazer parte da sociedade e escolhemos para patrono o Luiz Pistarini. Escrevi sua biografia e devia ser recebido por Ascânio Ribeiro. Faltei à posse por causa de um temporal e de um defluxo. Em outras palavras: faltei por falta de interesse e cometi um ato injustificável de descortezia.

16 — A biografia de Luiz Pistarini publiquei, depois, num jornal de Rezende, a terra do poeta.

17 — Ascânio continuou, no entanto, meu amigo e distribuiu, depois, o livro que publiquei «Prosa de Caliban», com vários intelectuais petropolitanos. O livro agradou. Houve até quem fizesse ótima apreciação dêle.

18 — No ano seguinte, fui examinar sôzinho, no interior de Minas, em Varginha e Muzambinho, inspecionado pelo dr. Luiz Gonzaga de Melo de quem me tornei amigo.

19 — Em Varginha, examinamos no Colégio dos Maristas. Reprovamos aí uma turma inteira, de 41 alunos, em Geografia e História. Clamor geral. O diretor, um reverendo educadíssimo, pediu novo exame. Não concordamos: seria um precedente perigoso. Dalí em diante, todo aluno que fôsse reprovado, pediria novo exame. O que êle poderia fazer, era pedir revisão de provas. Pediram. As provas vieram para o Ministério de Educação que confirmou, inteiramente, nossas notas.

20 — Em Muzambinho, rompi a-

bertamente com um professor môço e pedante do Espírito Santo. Tantas foram as provocações do homem que haveria coisa séria se não nos separassem os companheiros de banca.

21. — Voltei por S. Paulo, hospedando-me no Hotel Rio Branco, no Braz. Hotel, aliás, horrível e sem água. Preparava-me para deixá-lo, quando encontrei, à saída, uma cara conhecida que me cumprimentou sorrindo. Notando que não o estava conhecendo, esclareceu que fôra professor do Colégio dos Irmãos Maristas e tinha sido dispensado porque nós reprováramos a turma inteira, em Geografia, matéria que lecionava.

22 — *Quinzenário*, revista que fundáramos, estava destinada a fracassar. Não tínhamos funcionários, nem recursos. Minha teimosia, porém, insistia, ainda.

23 — Eu era, na época, professor de Educação Moral e Cívica do Colégio Nacional. Com o pseudônimo de Lima de Madureira, escrevia coisas galantes para *A Maçã*, de Humberto de Campos; coisas trágicas para a *Revista Policial*; tragédias para *O que é nosso*, do Correio da Manhã; coisas melosas para *Quinzenário* e várias outras revistas. Nada de religião, nem de espiritismo, embora a finalidade de meu livro fôsse advertir a mulher e moralizar o casamento.

24 — Apareceu, então, no *O Globo*, uma nota contra mim, com o título «Que Professor de Moral», partida, creio, do poeta Luiz do Nascimento, cuja caricatura física e moral eu pintara no *Prosa de Caliban*, com o nome de Lúcio Narciso.

25 — Respondi à altura o artigo, no mesmo *O Globo*, e, triste e acabrunhado, numa tarde de domingo, queimei todos os exemplares do livro, que me restavam, pois, no artigo contra mim, arrazaram-no. Só escaparam alguns volumes que estavam nas livrarias para venda e outros que ofereci a amigos.

26 — A dúvida de que tenha sido Luiz do Nascimento o autor do artigo vem do fato dele exigir do Almirante minha demissão do Nacional, antes do fato. Saira aborrecido porque o Almirante enèrgicamente disse-lhe nada tinha minha profissão com a caricatura que lhe fizera. Que o recurso era me respondesse êle como achava eu o merecia.

O Colégio, porém, nada tinha com isto. No dia seguinte da tal conversa, saiu o «Que Professor de Moral!...»

—
27 — Dagoberto Cruz foi outra grande decepção nossa. Era, com o irmão, das mais destacadas figuras do Grêmio Intelectual Carioca. Ex-aluno do Almirante, era muito querido de vários alunos. Valeu-se dêste fato para aliciar meninos para um tal curso que fundara, dizendo era um departamento do Nacional. Enviamos circulares para tôda a parte do Meier, esclarecendo o caso e aparando o golpe.

—
28 — Conforme fôra secretário relapso da União Espírita Baiana, fui, então, diretor de instrução da União Espírita Suburbana, do Rio.

29 — Fomos, certa feita, convidado para fazer uma Conferência nesta última. Alegando falta de geito para a oratória, empurramos o Almeida Gomes em nosso lugar. Almeida fêz uma peça enorme sôbre seu Penedo, sua Alagôas querida; arrazou a Igreja Católica, os padres, o luto, a dança, o batismo, a

confissão, etc. E botou-se à tribuna. A conferência foi tão falada que Manuel Quintão propôs fôsse ampliada para ser impressa pela Federação.

30 — Almeida ampliou-a, entusiasmado, não escondendo, depois, sua decepção quando não a viu impressa. Creio que veio desta decepção o fato de ser um dos cavalheiros que mais dansaram em uma festa que houve, dias depois, na casa do Almirante.

«E sua tese contra a dança, Almeida? — perguntei-lhe.

—«Ora, aquilo foi entusiasmo de conferencista, sômente»...

—
31 — Casou-se, dias depois. Fomos eu e mamãe suas testemunhas no ato civil. Não houve casamento religioso. Estou a me lembrar do rigor de então a que me submeti: fraque, luvas, calça de lista, etc... O Almirante e d. Biosa, testemunhas da noiva, exigiram que eu assim fôsse, embora se tratasse de um casamento simples, pois não me queriam inferior ao Almirante. Fui, depois, considerado, espiritisticamente, padrinho de sua primeira filha, a Diva.

*** Tôdas as manhãs há flôres, recém-cortadas da haste, ornamentando o retrato de nossa filha, que temos sôbre uma cômoda, em nosso quarto. São ali, religiosamente dispostas por minha espôsa. Noto-as porque perfumam o ambiente, antes que a vista as descubra. Assim é a presença da querida filha, desencarnada aos 17 anos, na plenitude da vida: noto-a pela vibração de alegria e de vigor mental que me prodigaliza, embora não possa vê-la nem escutar-lhe o que nos quereria certamente dizer.

É tão feliz, em sua liberdade! Contudo o nosso egoísmo desejaria tê-la ao nosso lado, palpitante de vida material. Sim, o nosso egoísmo, embora de minha parte, à fôrça de contenção espiritual e de exercício mental contra os velhos es-

tigmas do sentimentalismo sem nenhum sentimento da realidade espiritual, já possa afirmar que me sinto feliz na felicidade da minha querida filha, desligada dos constrangimentos do seu frágil organismo...

Mas, preciso ser compreendido: Betinha era mais do céu que da terra...

Nem todos podem desfrutar, meritôriamente, da mesma liberdade: a êsses convém mais que continuem adstritos à vida material, continuando a dolorosa experiência da carne, se porventura ainda não sabem desfrutar as doçuras da liberdade. Contudo, por vêzes, pode isso resultar de simples hábito (e o hábito, como se sabe, é uma segunda natureza). Vencê-lo deve ser nosso maior esforço. Não devemos, porém, contrair a responsabilidade

de ligar a tais hábitos qualquer semelhante nosso, nem mesmo aos animais. «Encarcerar a aza é encarcerar o pensamento humano» — bradava o Melro de Guerra Junqueiro, vendo os implumes filhinhos engaiolados.

Temos um sabiá há mais de dez anos. Canta, canta incessantemente! O seu trinado, porém, não é festivo; é antes uma nênia que nos inspira tanta saudade!

Não podemos soltá-lo, porque êle já está de tal modo habituado à gaiola, que iria morrer se lhe déssemos liberdade. Assim é o que ocorre em geral com os nossos filhos: não pedimos a Deus que lhes dê a liberdade, não! Sabemos lá se

estão aptos a desfrutá-la convenientemente! O nosso egoísmo se justifica. Entretanto, com relação à que se foi... Se assim o quis Deus, é porque estava em condições de ser feliz na vida livre dos espaços. Deus é quem nos dá os filhos do nosso amor; Deus é que nô-los tira, quando necessário. Bendito seja Deus!

Junto ao retrato de minha filha encontro pela manhã flôres sempre renovadas: e fico-me a pensar no amor e na saudade que só um coração de mãe sabe sentir em toda a sua grandeza.

Arnaldo S. Thiago

Rio, dezembro de 1958.

Auto-Sugestão e Mediunismo

V. O. CASELLA



CONFORME vimos no nosso trabalho anterior a capacidade de memória do nosso estado mental de subconsciência é maior que a do consciente.

Mas não se deve interpretar que êsses dois estados mentais estejam realmente separados por uma linha divisória rígida. Ambos, fundamentalmente, são um só todo com estados que se podem diferenciar.

Quando estamos no nosso estado normal de consciência, a função desta destaca-se pela sua propriedade de aquisição intelectual, não sendo completa a sua faculdade de rememoração, perdendo contato com muitas ocorrências que no entanto, permanecem intactas nos arquivos mentais do subconsciente. Já, êste outro estado, ao contrário daquele, entre outras particularidades, salienta-se na sua extraordinária agudeza de rememorar os fatos ali registrados, mas não possuindo a capacidade de aquisições intelectivas pelo raciocínio.

E êsses dois estados interferem-se.

No estado de consciência podemos receber intuições, como ecos de alguma coisa, que nos chegam do subconsciente. E quando entramos neste outro estado, pelo transe, as rememorações subconscientes recebem reflexos inteligentes da consciência, embora esta ali se apresente diminuída.

Por essas interferências, as rememorações subconscientes, associadas com as influências inteligentes do consciente podem oferecer produções, aparentando elevado nível de cultura. Mas se o observador estabelecer uma análise cuidadosa notará que essa intelectividade realmente nunca ultrapassa o grau dos conhecimentos de seus agentes. O excesso aparente de cultura são apenas as surpreendentes rememorações mecanicistas do subconsciente.

Ora, rememorar não representa sabedoria.

Exemplifiquemos uma analogia para que o leitor compreenda melhor o que desejamos explicar: — Um estudante pos-

sue a capacidade de aprender de cor tudo que lê. Ao fazer sua prova de exame poderá associar alguns recursos de sua inteligência na sua produção mecanicista, contornando frases, empregando símbolos, para que o mestre não perceba a sua falsa sabedoria. Se o examinador fôr negligente poderá julgar que tal aluno é conhecedor do assunto em prova. Mas se o mestre fôr atento, com a análise através de alguns testes, descobrirá a fraude.

Logo, como já dissemos, memórias mecanicistas não representam cultura. Esta se reconhece pelas produções que revelem trabalho de raciocínio. O bom memorista poderá reproduzir obras que já leu, mas não saberá manter conversa e responder perguntas, ou formular mensagens sobre assunto em que êle escreve ou fala no sentido automático.

É o que se dá com o nosso estado de subconsciência que fixa os fatos, sem se intelectualizar. Pois se tivéssemos na nossa mente duas memórias intelectualizando-se separadamente teríamos que aceitar o inconcebível mistério da existência de um outro «eu» diferente, atuando dentro de nós, sem que disso soubéssemos.

Assim, um indivíduo que na sua vida normal é pedreiro, ou mecânico . . ., êle por dentro poderia ser astrônomo, artista etc, etc. Seria o clássico milagre da existência de duas ou mais personalidades diferentes, dentro de uma só capacidade mental.

Os apologistas destas divisões encantadas jamais se deram ao trabalho de esclarecer êste enigma.

Agora, com êsses informes, os leitores não familiarizados com êsse assunto já se acham mais aptos para compreenderem como se diferenciam os fenômenos de auto-sugestão e o mediúnico, considerando-se que há pontos em que ambos muito se assemelham em suas apresentações superficiais.

Pela auto-sugestão certos pacientes possuem a capacidade de entrar em transe (parcial ou total) sem auxílio de outro operador. Neste estado, geralmente, confundindo-se com o do mediunismo, o paciente pode apresentar, pela escrita ou fala automáticas, produções extraídas de sua própria mente ou, em certos casos, captadas de alguns dos presentes pela transmissão telepática, sendo que

tais produções nunca ultrapassam a capacidade intelectual de sua origem, conforme já explicámos acima.

Apesar desta parecença nas fases superficiais dos fenômenos da auto-sugestão e do mediunismo, êste último destaca-se quando as mensagens vêm com nomes e características comprovadas de entidades já desencarnadas. Esta é uma importante particularidade, acusando a produção como de origem mediúnica.

Em caso contrário, como então conceber que o subconsciente possua a astúcia de trair a si próprio, no último ato da mensagem, denominando-se outra personagem que, neste caso, estaria ausente no fenômeno? Contudo, apesar desta inferência a favor do mediunismo, os nossos opositores intransigentes persistem, na sua arbitrária teimosia, em atribuir também a êste comportamento do fenômeno como produto da auto-sugestão.

No entanto, esta teima torna-se infantil, portanto anti-científica, quando a produção vai além, ou se diferencia substancialmente, da capacidade intelectual dos presentes e do paciente; pois de onde teria surgido essa diferença de intelectualidade, considerando a ausente na mente dêsses indivíduos?

Como já vimos, o subconsciente apenas produz aquilo que estiver dentro de seus limites. O que fôr a mais, com relação ao nível real de cultura do paciente e presentes, só se explica pelo mediunismo. Contrariar êste postulado é revelar-se cego diante das provas mediúnicas, colocando-se em choque também com a própria ciência da Psicologia que não concebe o nascimento espontâneo de idéias intelectivas, que não tenham sido adquiridas pelo trabalho de aprendizagem.

E aqui findamos êsse nosso trabalho, o qual baseamos em nossas deduções sobre informes científicos. Trata-se de matéria complexa, e de difícil explicação vulgar, motivo pelo qual prevalecem os opositores do Espiritismo, para lançarem confusão entre os simpatizantes da doutrina, que ainda não entraram em contato com as obras básicas de Kardec.

Ainda desejamos esclarecer que neste trabalho apenas relacionamos a atividade mental da nossa vida presente. Não tocamos nos arquivos da inconsciência profunda, onde se guardam os registros das nossas vidas sucessivas,

assunto êste que exigiria capítulo à parte.

Quanto ao que expusemos, se surgirem opositores, aceitamos polêmica desde que o assunto se objective nos fundamentos básicos dos postulados da Psicologia.

E se houver confrades estudiosos da matéria, discordantes da forma como apresentamos as questões diversas, também aceitamos palestra elucidativa e construtiva, através destas mesmas páginas, em favor de melhores esclarecimentos, aos leitores que nos acompanham.

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

N. do A. — Procurando oferecer novos esclarecimentos sobre o problema da habitabilidade do nosso satélite, conforme nos solicitam alguns confrades referindo-se ao nosso trabalho de novembro último, «A Conquista da Lua», no próximo número desta Revista voltaremos ao assunto. Na ocasião será considerado o artigo «No Mundo... da Lua», do nosso digno e competente confrade snr. Arnaldo S. Thiago, cujas delicadas palavras sobre nossa modesta pessoa, ali inseridas, sinceramente agradecemos.

V. O. Casella



A Descoberta do Espírito



Por HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

(Continuação)

12 — A Magia

Podemos dizer que, praticamente, tôdas as religiões têm suas primeiras raízes implantadas na *magia*.

A magia é a arte de produzir fenômenos sobrenaturais, agir sobre as leis e forças da natureza, e atuar sobre as potências espirituais, usando práticas, cerimônias, rituais, objetos ou fórmulas especiais, quase sempre ocultas.

As religiões, quanto mais primitivas, tanto mais se aproximam da magia. Normalmente, ela é a religião fundamental entre os povos selvagens. Foi, como vimos nos estudos anteriores, a religião nascente entre os povos paleolíticos.

Encontramos nas religiões contemporâneas os traços indeléveis das práticas mágicas do passado. Podemos observar em quase tôdas o uso de imagens, relíquias e objetos sagrados. São os sucedâneos das representações antropomórficas, feitas em pedra, osso, madeira, chifre e marfim, que foram encontradas nas grutas pré-históricas. Temos também, hoje em dia, as preces, as evocações, os pontos, ladainhas, cantos, danças, bebidas, água-benta, água-fluída, amacis, fumo e incenso. Tudo isso poderá ser enquadrado perfeitamente dentro das práticas mágicas.

Queremos fazer um parêntesis aqui. Trata-se de dar um pequeno esclareci-

mento sobre o sentido dos vocábulos: *magia* e *mágico*, que ora estão sendo empregados neste trabalho. Usamo-los na forma comum, para cuja elucidação definimos, no início dêste trecho, a palavra *magia*. No entanto, é preciso reconhecer, nas práticas mágicas, aquilo que a Psicologia moderna identifica como sendo a conduta resultante do *pensamento mágico*. Êste seria um tipo pensamento, oposto ao racional.

Do mesmo modo, a História classifica como *religiões mágicas* aquelas que apresentam certas características comuns, tais sejam o profetismo, as conversões e o messianismo. Essas peculiaridades são encontradas, por exemplo, no Islamismo, no Judaísmo e no Cristianismo Oriental. Não é exclusivamente neste sentido que estamos abordando o presente tema designado por *magia*. Entretanto, admitimos a legitimidade dos pontos de vista da Psicologia e da História, os quais são corretos, mesmo dentro das convenções já estabelecidas.

Focalizada sob o ponto de vista espírita, e levado em consideração o que expusemos anteriormente com relação às práticas e costumes dos paleolíticos, a magia nada mais é do que uma convenção firmada entre o encarnado e o desencarnado. Os símbolos, as fórmulas, as palavras escritas ou pronunciadas oralmente, servem para lembrar e identificar o pacto realizado entre os dois interessados.

Os símbolos e as fórmulas prestam-se aos seguintes fins:

a) estabelecer uma união entre os seres associados, visando a consecução de um objetivo comum; geralmente o símbolo lembra o objetivo, e a fórmula reaviva os laços de afinidade ou as convenções estatuídas;

b) excitar as faculdades psíquicas que proporcionarão a *relição* entre os encarnados e os desencarnados, com o fim de estabelecer o necessário contato mental e obter o intercâmbio de forças indispensáveis ao prosseguimento de certas tarefas;

c) servir como meio de identificação, de maneira a evitar uma possível infiltração de estranhos, perturbadores e adversários, capazes de provocar a desagregação do grupo, pela mistificação ou outros processos.

Com o tempo, os símbolos e fórmulas, assim como as regras que orientavam as práticas mágicas, foram sofrendo modificações profundas. Muitas se transformaram em rituais complicados, em solenidades. Paulatinamente surgiram os cultos, danças e hinos sagrados, canto-

chãos, «mantrãs», missas e tôda a complexa ritualística das religiões e seitas conhecidas hoje em dia.

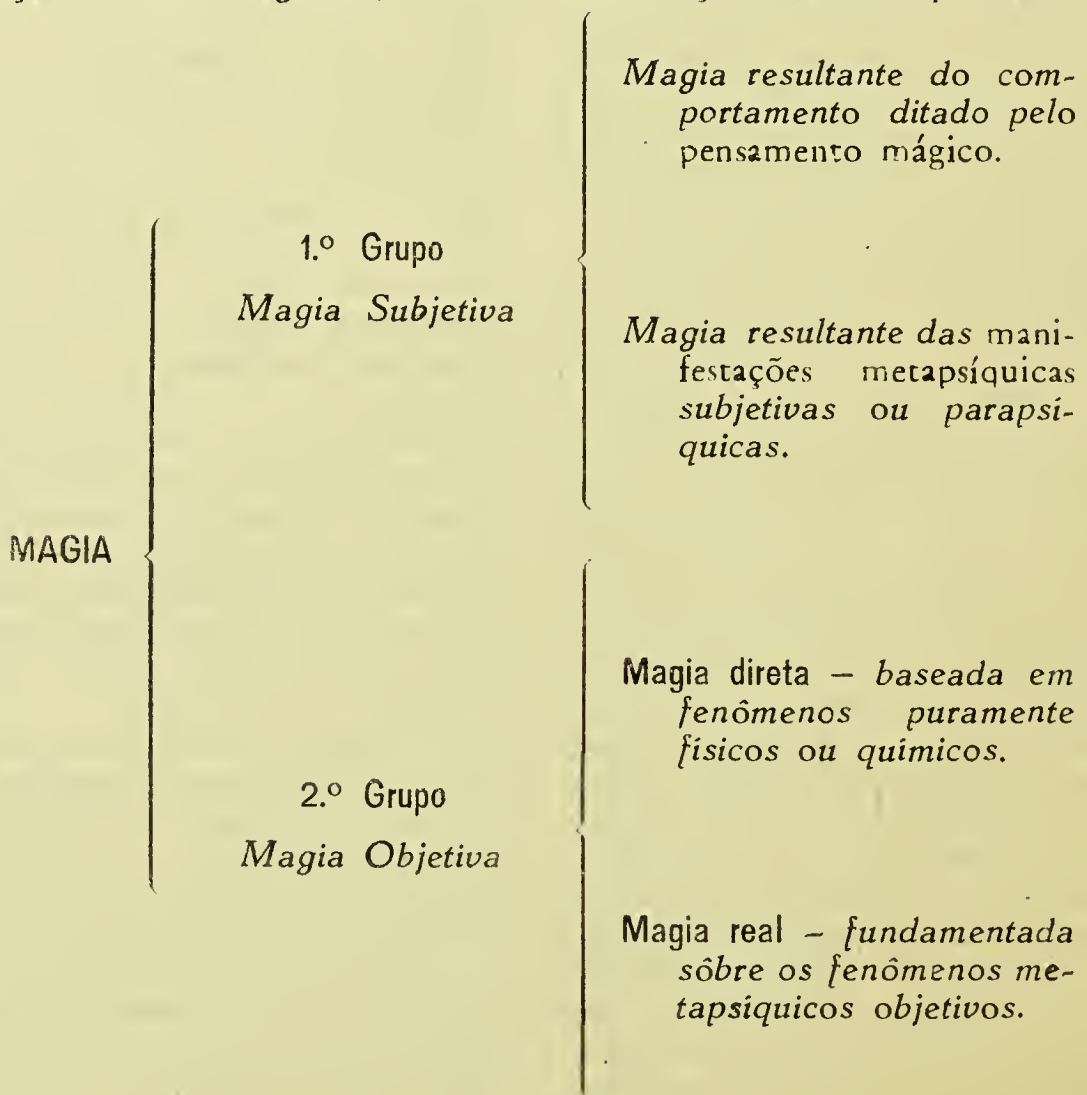
À medida que se afastam do fenómeno central, isto é, do intercâmbio direto com o mundo espiritual, as cerimônias se complicam. O luxo e o aparato passam a ocupar o lugar dos simples sortilégios, os quais surgiram, também, como decorrência de uma evolução do fenómeno mediúnico puro e simples, cuja finalidade seria suprir as deficiências do médium, ou facilitar o transe.

Imitando o método de classificação adotado por Charles Richet, ao abordar o estudo da Metapsíquica, poderíamos classificar a magia em dois grupos fundamentais: *magia subjetiva* e *magia objetiva*.

No primeiro grupo, englobaríamos as práticas mágicas baseadas apenas nas faculdades e poderes subjetivos da alma e do espírito.

No segundo teríamos os processos ligados aos fenómenos físicos simplesmente, ou aos enquadráveis na Metapsíquica objetiva.

No sentido de melhor esclarecer tal classificação, vamos esquematizá-la:



Examinemos cada um desses grupos.

1.º Grupo: Neste grupo vamos encontrar a magia da caça, a magia da reprodução, as expressões artísticas, as danças, e inúmeras outras variedades de rituais, ligadas às manifestações comuns das faculdades psíquicas. Aqui teríamos um primeiro sub-grupo resultante do comportamento ditado pelo *pensamento mágico*, no sentido como é considerado modernamente pela Psicologia materialista.

Um segundo sub-grupo estaria englobado dentro da classificação acima, porém relacionado com as *manifestações metapsíquicas subjetivas* ou parapsíquicas. São práticas mágicas ditadas não mais pelas faculdades psíquicas comuns, ou pela exaltação emocional. São o resultado das faculdades supranormais. São a consequência do *fenômeno mediúnico*. O espírito tem aí seu papel preponderante. Neste sub-grupo, enquadraremos o transe, a psicofonia, a vidência, a premonição — outrora profetismo — e inúmeras outras já bem conhecidas dos espíritas e dos parapsicologistas atuais.

As práticas de magia, surgidas desse sub-grupo, não variaram quase nada. É lógico que assim ocorresse, pois o fato é um só em qualquer região e em tôdas as épocas. As maneiras de provocar o fenômeno diferem um pouco, mas fundamentalmente se equivalem. Em todos os tempos e lugares, encontraremos as defumações, as músicas, as beberagens, as danças, as evocações e inúmeros outros processos destinados a excitar as faculdades mediúnicas e desencadear os fenômenos correspondentes.

Uma vez estabelecido o intercâmbio através do médium, surgiram as convenções, os sinais cabalísticos e outros meios de identificar e facilitar o contato entre vivos e mortos.

2.º Grupo — *Magia objetiva* — A êste grupo pertencem as práticas ligadas aos fenômenos objetivos, isto é, àquêles que têm repercussão ou natureza física.

Êste segundo grupo comporta duas subdivisões.

Temos um primeiro sub-grupo caracterizado por elementos puramente físicos. É chamada, também, *magia direta*.

Foi e é muito praticada pelos bruxos e feiticeiros. Compõe-se de uma série de conhecimentos sobre venenos, alcalóides, ervas medicinais, tóxicas, etc.

Entre as tribos primitivas e selvagens, tanto as de outrora como as de hoje, acrescentam-se àquêles conhecimentos certas noções rudimentares sobre fenômenos físicos banais, porém tidos como miraculosos.

Durante o triste período da escravidão negra aqui no Brasil, êsse tipo de magia foi muito praticado pelos pretos. Os feiticeiros conheciam bem os efeitos tóxicos de certas ervas, algumas trazidas da África, por meio de sementes. As fôlhas ou raízes reduzidas a pó eram adicionadas à comida dos senhores malvados, pelas «mucamas» ou pelas «babás», que as recebiam das mãos dos feiticeiros negros.

Os escravos conheciam uma beberagem feita com plantas cujos nomes eram cuidadosamente guardados em segredo. Essa bebida tinha propriedades hipnóticas. Seu nome é: *nepente*. Usavam também em seus trabalhos de magia negra a secreção resinosa de uma variedade de sapo, a que davam o nome de *cunuarú*. O *estramônium*, mais conhecido por «mata-e-cura», «mamoinha brava» ou «herve-de-carneiro», era muito usado, também, nêsse tipo de magia.

Certos sacerdotes antigos lançavam mão de fenômenos físicos corriqueiros e com êles assombravam as massas ignorantes, mantendo-as em respeitosa submissão.

Vejamos o segundo sub-grupo da magia objetiva. Dentre todos, êsse é o mais importante, pois poderíamos chamá-lo de *magia real*.

As práticas mágicas surgiram, sem dúvida, sobretudo desses notáveis fenômenos estudados pela Metapsíquica objetiva.

As propriedades extraordinárias do ectoplasma, ainda tão pouco conhecidas, devem responder por esta constante entre os povos: *a magia*. Ela surgiu em tôdas as suas variadas formas e manifestações. Porém, sempre houve uma razão efetiva para tal comportamento humano.

O *médium de efeitos físicos* sempre existiu. Suas faculdades supranormais foram observadas e interpretadas de tôdas as maneiras possíveis. As reações dos observadores e do próprio agente produtor dos fenômenos metapsíquicos objetivos foram as mais diversas também.

Exemplificando com o que se passou entre os povos na interpretação do fogo, podemos avaliar as consequências interpretativas do *fenômeno ectoplásmico*.

A existência da magia revela não apenas uma conduta nascida do *pensamento mágico*, isto é dos clássicos erros lógicos, próprios desse gênero de pensamento. A magia e suas formas evoluídas, que são

as práticas religiosas, servem como demonstração cabal de que o homem teve a experiência objetiva da existência do espírito e que provou as suas influências benéficas ou maléficas.

DR. KARL MULLER — NOVO PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA INTERNACIONAL

Com o desencarne do sr. David Bedbrook, em 31 de julho último, passou a ocupar o cargo de presidente da Federação Espírita Internacional o dr. Karl Muller, conhecido pesquisador espírita, residente em Zurique, Suíça.

Nasceu o dr. Muller a 14 de julho em 1893 em Nova Orleans (Estados Unidos), sendo seus pais suíços. Em 1896 foi para a Suíça, para estudar, tendo se diplomado na Escola Politécnica de Zurique, como engenheiro eletricitista. Viajou para o exterior a serviço, e em 1924, de volta dos Estados Unidos, fixou-se novamente em Zurique na firma de construções Oerlikon: dela recentemente aposentou-se.

Desde jovem participou de sessões espíritas, chegando a conhecer o juiz George Sulzer (1844-1929), o maior propagandista do Espiritismo na Suíça. Sulzer escreveu vários livros doutrinários e interessou-se pelo aspecto religioso, ao contrário do dr. Muller, que estudava o aspecto científico. Tomou parte em reuniões com um famoso médium sensitivo, Karl Witzig (1867-1945), em 1925. Estudou profundamente a questão de radiações do corpo humano, e construiu um aparelho elétrico para a medida da radiação da mão; enfim, publicou em 1932, em alemão o livro: «Demonstração objetiva e elétrica da existência de uma emanção do corpo humano vivo e seus efeitos visíveis». Dessa obra extraímos uma das conclusões a que chegou a respeito do fluido vital humano: «Há no corpo humano uma espécie de energia que desprende do corpo com a respiração, e que se escapa especialmente sob a forma de radiação, da parte inferior das pontas dos dedos, exercendo efeitos semelhantes aos das emanções radioativas.» Esse assunto empolgou vários metapsiquistas do seu tempo, como Cazzamalli, na Itália, R. Montandon seu conterrâneo, etc.

Após 1945, entrou seriamente em contato com os espíritas ingleses (da Sociedade «Mundo Maior»), e acolheu em Zurique a médium E. Sheridan, para reuniões de estudos. Conseguiu formar em 1948 um grupo espírita, sendo seu presidente até 1956. Desenvolveu a médium K. e conseguiu com ela fenômenos de efeitos físicos, de telecinésia, de voz direta e materialização; construiu então um aparelho moderno para fotografia com infravermelho. Em 1954, no congresso espírita internacional, realizado em Amsterdão, apresentou o seu trabalho.

Em 1955 viajou para Alemanha e Dinamarca, para propaganda da doutrina, e em 1957 foi nomeado pesquisador da Federação E. Internacional, e finalmente em dezembro desse ano tornou-se o vice-presidente dessa entidade.

Em 1958 entrou em contato com o dr. Inácio Ferreira, diretor do Sanatório Espírita de Uberaba, com o desejo de propagar as obras doutrinárias do ilustre diretor, a saber «Novos rumos da Medicina», v. I, II, «A psiquiatria em face da reencarnação», etc.

Os interessados em entrar em contato com o ilustre engenheiro suíço, para fins de investigação, poderão escrever para Seefeldstrasse 112, Zurique, Suíça, e por certo receberão fraternal resposta atestando o cargo importante que ocupa no movimento espírita.

Cícero Pimentel

S. André, 16-1-59

BIBLIOGRAFIA:

1) «Revue Spirite», nov. dez. 1958 p. 214 (c/ foto).

2) Le pouvoir mysterieux des quérissesus, A. Leprince, (Ed. Dangles, Paris) p. 75.

Hipnotismo e Espiritismo

Luiz Caramaschi

Quem se propuser a demonstrar (e é o caso do Irmão Vitricio) que os fenômenos espíritas não passam de fenômenos hipnóticos, acabam por provar, também, que tôdas as fés são sugestões, e que todos os sacramentos e ritos eclesiásticos só valem pelo efeito sugestivo e alucinatório que causam nos fiéis. O pão eucarístico deixa os fiéis eufóricos, radiantes, felizes, do mesmo modo que ficariam se recebessem tais sugestões, estando hipnotizados.

De maneira que o Irmão Marista está metendo fogo à própria casa, e a arma que agita tem duas pontas, com o cabo no meio. Basta oferecer resistência na extremidade agressora que a outra ponta penetra no corpo do atacante.

Se o Irmão Vitricio (pseudônimo de Luis Rech) quer explorar cientificamente o fenômeno religioso, a fórmula psicológica é muito simples: a imaginação criou os mitos que são *hipóteses de trabalho, explicações, teorias apenas*. O que para um era teoria e hipótese, para outro passou a ser verdade dogmática. Dêste modo o mito agiu, reflexivamente, sobre a mente humana criando a alucinação. Daqui em diante o crente crê, porque teve uma *experiência mística*, mas, teve uma experiência mística, porque sofreu a pressão sugestiva de *uma criação mítica*. Eis a fórmula em evidência:

imaginação † sugestão = mito

mito † sugestão = religião

Se, pois, como está na «Manchete» de 6 de setembro de 1958, o prezado irmão Vitricio acha que «não existe nenhuma comunicação com o Além», então temos a consequência inexorável de que as aparições e comunicações dos santos são mitos; os milagres, pura sugestão, de mistura com patacoadas grosseiras. A Igreja se fundamenta no mito; nada existe de real, porque, como diz, «não existe nenhuma comunicação com o Além». «O Além — afirma — estará muito além de nossas possibilidades enquanto estivermos no limitadíssimo aqui». Logo, as aparições de santos e as tenta-

ções dos demônios são balelas (pensa o padre, mas, não diz), para engodar os fiéis da sua Igreja, pois, o padre letargista (hipnotista) não crê nestas tolices e sabe muito bem como funciona a «sua» fé, para uso dos outros. Saia-se desta, se fôr capaz, o prezado Irmão...

* * *

No Espiritismo, nos trabalhos que se chamam de *efeitos inteligentes*, os fenômenos se baralham, confundindo-se animismo e telepatia com as comunicações propriamente ditas. Porém o fenômeno espírita existe nos *efeitos inteligentes*, para não se falar nos indiscutíveis *fenômenos de efeitos físicos*. É por isto que o agnóstico Aldous Huxley, em «O Cruzeiro» de 6 de setembro de 1958, afirmou que, «mesmo aceitando-se a larga margem de fraude e telepatia, há um mínimo de casos que não podem ser explicados pela ciência corrente». É esse «mínimo de casos» que deve constituir o objeto do Espiritismo científico.

E do mesmo modo que os fenômenos hipnóticos invadem o campo do Espiritismo, também os fenômenos espíritas permeiam os hipnóticos. Nas sessões de hipnotismo não há só a telepatia provinda de *encarnados*, mas, também, a *telepatia originária dos desencarnados*. Já nos aconteceu de irmos hipnotizar, e acabarmos doutrinando espírito; outras vezes fomos doutrinar espírito, e tivemos de despertar, pura e simplesmente, um hipnotizado.

Num dos espetáculos públicos de hipnotismo havido nesta cidade de Piraju — Sp., um menino hipnotizado reagiu à ordem do hipnotizador que o queria gago, dizendo-lhe, muito enfaticamente: «Eu não sou gago». De outra feita, o mesmo menino, alucinado com a idéia sugerida de que era um candidato a prefeito, discutindo com o seu suposto adversário político afirmou: «E venço esta eleição, porque já venci duas; eu já fui prefeito duas vezes». Ora, de onde o menino foi tirar isto, de que fôra prefeito duas vezes?

No caso de o hipnotizador deparar com uma comunicação espírita autêntica, pode dizer que se trata do fenômeno de «dupla personalidade», como o chamam os psicólogos. Todavia esta dupla ou tripla personalidade que «personaliza» o hipnotizado «despersonalizado», pode ser inimiga do hipnotizador, e, por êste motivo, agredi-lo. Para nós, espiritistas, o fenômeno da dupla ou múltipla personalidade é pura comunicação de espírito desencarnado.

A coisa é simples? Não. Depois de quinze anos de Espiritismo prático e de estudos, respondemos: não, não é simples. O Professor Karl Weissmann, que nega a regressão pré-placentária, afirma que «ainda hoje», alguns aspectos do hipnotismo estão por ser explicados, ou pelo menos melhor explicados» (1). Que aspectos são êstes? Dentre muitos estão os que enumeramos, e os que êle próprio comprovou; pois, «nas milhares de pessoas que hipnotizou, teve um caso de clarividência e inúmeros casos de incidência telepática, indiscutivelmente provados» (2).

* * *

Espiritismo e hipnologia estão inextricavelmente ligados, e, por isto, apelamos, de público, para o preclaro Espiritista e Educador Romeu de Campos Vergal, para que, na Câmara Federal, não deixe os médicos e odontólogos pôrem o Espiritismo fora da Lei, proibindo aos espíritos exercerem suas atividades, alegando, como é certo, que o transe hipnótico é o mesmo transe mediúnico nos fenômenos de incorporação e psicografia.

E para que o eminente espiritista e demais confrades não cuidem que esta assertiva carece de fundamento doutrinário, declaramos que êste é o pensamento mesmo de Allan Kardec, quando, há um século, escreveu o artigo intitulado «Magnetismo e Espiritismo», na «Revista Espírita», reunida, pela LAKE, em volume (3).

Naquele tempo, ao hipnotismo, se dava o nome de magnetismo, como se pode comprovar, facilmente, pela história do hipnotismo. É Kardec quem afirma que, «com efeito, baseando-se ambas (ciências) na existência e na manifestação da alma, longe de se combaterem, podem e devem se prestar mútuo apoio:

elas se completam e se explicam mutuamente» (obra cit.). Mais. «Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas há apenas um passo; sua conexão é tal que é, por assim dizer, impossível falar de um sem falar do outro. Se tivermos que ficar fora da ciência do magnetismo (hoje, hipnotismo), nosso quadro ficará incompleto e podemos ser comparado a um professor de Física que se abstivesse de falar da luz» (obra cit.). E mais adiante afirma «que, na verdade, não passam de uma», as duas ciências. E tudo isto Kardec declara ser sua «profissão de fé» (obra cit.).

* * *

Hipnotismo é Espiritismo, já o disse há cem anos Allan Kardec, conquanto afirmasse, e com razão, que Espiritismo não é só hipnotismo, como pretende o Irmão Vitricio. Impossível será dissociar uma coisa da outra. Agora os médicos e odontólogos querem ser donos do hipnotismo que é a base natural dos fenômenos mediúnicos. Com isto farão que o Espiritismo esteja fora da Lei, para, ato contínuo, perseguirem os seus praticantes, como fazem, hoje, aos médiuns curadores, quando êstes são pequenos, humildes e desprotegidos.

Por causa destas coisas, fazemos ciente, ao prezado Irmão Campos Vergal, por meio dêste instrumento de imprensa, da necessidade de defender a Doutrina Espírita, na Câmara Federal, contra a ofensiva dos açambarcadores os quais, sendo já «donos» dos corpos que retalham à vontade, querem, agora, também, apoderar-se das almas, fincando nela a bandeira de propriedade.

O golpe já está preparado, e tanto que o Dr. Osmard Andrade Faria, do alto da sua cátedra, manda se compare «a identidade de tais fenômenos (os hipnóticos) com as atuais incorporações «mediúnicas» da prática espírita» (4). E define mais ainda a sua posição, quando declara ter sido Mesmer «o verdadeiro inspirador de Allan Kardec» (5), quando ninguém ignora que Kardec começou com os fenômenos de efeitos físicos das mesas girantes, e não, com os auto-hipnotizados e convulsionários de Mesmer. Em «O Cruzeiro» de 11 de outubro dêste ano, êsse mesmo autor declara-se contra as aplicações da hipnologia por lei-

gos em medicina e odontologia, e no mesmo artigo, «o Prof. Leonídio Ribeiro condena até mesmo o uso da hipnose por odontólogos». Se esta gente puder fazer Lei, os centros espiritas terão de fechar as suas portas.

Eia, pois, espiritas, cerremos fileiras! Assenhorear-se da hipnologia é fechar as portas ao mediunismo, e acabar com a consoladora Doutrina Espiritista! Do jeito que a coisa se está articulando, no futuro, para praticarmos Espiritismo

Experimental, teremos de nos diplomar, primeiro, em odontologia ou medicina.

Piraju, 3 de outubro de 1958.

- 1) Karl Weissmann, *O Hipnotismo*, 17
- 2) « « « « 19
- 3) Allan Kardec, *Revista Espirita*, 1, 95
- 4) O. A. Faria, *Hipnose Médica e Odontológica*, 9
- 5) O. A. Faria, *Hipnose Médica e Odontológica*, 12

RUMO A SEGUIR

A quem quer que observe de ânimo desprevenido o que vai pelo mundo em matéria de religião, não passará despercebido o progresso que tem feito o Espiritismo nestes últimos anos, notadamente na Pátria do Cruzeiro onde existem cerca de mil agrupamentos ou associações espiritas, funcionando normalmente, com estudo e orientação no Evangelho Segundo o Espiritismo, Livro dos Espíritos e outras obras básicas, com crescido número de assistentes, ávidos da verdade e de uma orientação segura.

O espirita que percorrer hoje de norte a sul a terra de Santa Cruz terá a agradável impressão de uma verdadeira febre pela doutrina Kardecista, porque, em cada cidade ou povoado que visitar encontrará pelo menos um desses agrupamentos e elevado número de crentes.

É que a humanidade atual, composta de espíritos mais ou menos evoluídos à custa de sucessivas encarnações neste e em outros planetas de espição em que aprenderam a considerar os bens materiais como merecem, não se satisfaz mais com os ensinamentos religiosos primitivos, ensinamentos que deram seus frutos no passado, mas que se não coadunam com o progresso intelectual e moral do homem do século XX.

E, tanto do campo católico como dos arraiais protestantes e materialistas, dão-se diariamente deserções em massa, à procura de uma crença que lhes satisfaça a razão, de uma doutrina, de uma filosofia que lhes explique os mistérios que as suas religiões teimam em conser-

var, apesar de incompatíveis com os progressos que o mundo e sua humanidade têm realizado.

Estudam, meditam, observam, esquadrinham todos os sistemas filosóficos, e acabam abraçando o espiritismo por encontrarem nêle cabal e racional explicação daqueles mistérios, explicação acompanhada de provas materiais, palpáveis, tangíveis.

Isto quanto aos homens inteligentes, bem intencionados, ávidos de luz; porque os medrosos, os acomodaticios, os trocistas, os indiferentes, os retardatários, enfim, só chegarão a êsse resultado—e não de infalivelmente chegar um dia—quando o aguilhão das desventuras lhes fustigar os flancos como a burros manhosos, ou quando o seu espírito, cansado de desilusão, exgotado pelos prazeres materiais, aspirar coisa melhor e lobrigar possibilidade de alcançá-la.

A saciedade lhes produzirá o tédio e êste o ideal que mais lhes satisfaça o estado d'alma e que mal compreendem.

* * *

Para nós, os espiritas, é confortadora a constatação do incremento que vai tendo o espiritismo no Brasil, mas triste e desanimador o modo por que se o pratica.

É de se lastimar que entre essa multidão de crentes disseminada por êste vasto território, nem uma quinta parte talvez tenha a verdadeira compreensão dos ensinamentos que do alto recebe. Atraídos quasi sempre pelo maravilhoso, levados mais pela curiosidade que pelo sentimen-

to, relegam o estudo sério, acurado e consciencioso da doutrina, para se entregarem de preferência às comunicações, muitas vêzes estêreis de resultado proveitoso.

Daí os absurdos que inconscientemente pregam e praticam, concorrendo, sem o saberem, para desacreditar a doutrina que desejariam propagar.

Para que os espíritas bem compreendam os fenômenos da comunicação com o mundo imaterial, mister é que conheçam de antemão as leis que regem a matéria, que saibam distinguir as comunicações boas das apócrifas, que possam enfim avaliar a árvore pelo fruto. Estes conhecimentos, porém, só se adquire pelo estudo das obras básicas da doutrina—a coleção de obras recebidas e codificadas pelo nosso Mestre Allan Kardec.

Notadamente «O Livro dos Espíritos» e «O Evangelho Segundo o Espiritismo» devem merecer especial atenção dos que desejam iniciar a prática do espiritismo, antes de tratarem de obter comunicações. Nessas condições, havendo estudado e compreendido as suas leis, o investigador ou o praticante de espiritismo estará mais ou menos habilitado a julgar as comunicações que receber, não se fará um fanático como soe acontecer aos que procedem de modo diverso. Quando tiver de conversar em rodas de pessoas estranhas ao espiritismo e mesmo refratárias aos seus princípios, não dirá tolices, mas saberá manter-se discreto,

só avançando a discutir o que tiver apreendido.

A doutrina espírita não é nova ela constitue a confirmação do Cristianismo; em nada o contraria.

É o cumprimento da palavra de Cristo quando disse que mandaria mais tarde o ESPÍRITO DA VERDADE, O CONSOLADOR, ensinar outras coisas que a humanidade de então não estava apta para compreender e que, embora veladamente, deixou consignadas nos seus ensinamentos.

Concitemos, pois, os nossos irmãos a considerarem em primeiro plano o estudo da doutrina e à aplicação de seus princípios nas suas relações sociais; deixando em segundo plano a experiência que não obstante constituir importante elemento de estudo, só deve ser praticada quando puder ser eficazmente compreendida.

Não há meio mais seguro de provarmos a sublimidade do nosso ideal aos que ainda lhe são infensos, que nos esforçarmos em exemplificá-lo com os nossos atos na vida de relação. A indulgência para as faltas alheias, a tolerância, a mansidão, a doçura e o perdão, são virtudes que por si sós recomendam uma doutrina; e os espíritos que do alto descem para nos ensinar, no-las aconselham como base da nossa moral.

Samuel Gomes da Costa

Corumbá, 30 de outubro de 1958.

① Espiritismo e Criminologia ①

O primeiro livro de Deolindo Amorim que me impressionou muito vivamente foi *O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS*. Eu havia lido os vários artigos sob êsse título publicados pelo autor, em números seguidos de «MUNDO ESPÍRITA», então editado no Rio, dos quais Deolindo Amorim formou o dito volume. Mas, o livro, enfeixando os artigos, dava uma imponência maior às idéias nêles desenvolvidas. Os capítulos XXX a XXXII empolgaram-me sobretudo, pela serenidade absoluta no argumentar, pela isenção completa de animosida-

de contra os autores adversos. Deolindo Amorim ofereceu-me *O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS* com esta dedicatória amável: «Ao confrade A. Victor Magaldi, com estima e consideração, oferece Deolindo Amorim. Rio, 7/6/48». Estava eu, nêsse tempo, em Juiz de Fora, como diretor de «O MÉDIUM», órgão da União Espírita de Juiz de Fora. Fiz, por essa fôlha espírita, a crônica do livro, com justo entusiasmo. (Quero aqui revelar a opinião de um comunista que leu *O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS*, exarada por êle mesmo na última página, em branco, do volume. É

uma opinião póstuma; pois, o seu autor foi o meu filho Nísio Magaldi, desprendido um ano depois, na idade de 26 anos. Sua opinião textual: «Lido em 9/8/48. O autor discute com conhecimento de causa, clareza e objetividade. O livro, para criaturas menos avisadas, pode trazer confusão, quanto à contradição máxima: — espiritismo versus marxismo. Concordo, há muito, na contradição fundamental: — O espírita não pode ser marxista; nem pode o marxista ser espírita. Há, entretanto, a afirmação, não debatida pelo autor: — O comunista pode ser espiritualista e, como tal, espírita; e o espírita pode ser comunista. Nos Partidos Comunistas de todo o mundo há grande maioria de espiritualistas. O presidente da Federação Espírita Mineira é comunista. O padre católico Plojár, da Tchecoslováquia, é Ministro da Educação de um governo comunista. O autor, cuidadosamente, evitou tratar do Comunismo, forma de ação política do Marxismo, ficando, somente, na questão filosófica...») Já que fechei o parêntesis, sem dizê-lo, fique bem claro que sempre militei no *Comunismo do Cristo*, inteiramente contra o *Comunismo dos homens*.

Os livros de Deolindo Amorim, como tenho posto em evidência, nos comentários por mim feitos de todos êles, trazem o cunho em alto relêvo de um escritor vigorosamente alicerçado na fé e na razão, profundo nos conceitos que emite, sagaz na argumentação dos temas que aborda e insuperável no estudo profícuo de tôdas as questões correlatas. Baiano pelo talento e ateniense pela estirpe, Deolindo Amorim é um beletista que conduz o seu leitor da superfície ao âmago, em todos os quadrantes dos horizontes que descortina nas suas luminosas discussões, forçando-o a raciocinar, sem lhe causar canceiras, numa atitude expontânea. É êste o melhor dom que Deus lhe deu, além daqueles outros inúmeros que possui. Vivaz, cintilante, clarividente, simples e benigno. No livro, no jornal, no rádio e na tribuna, sempre esplêndido.

Acaba o vitorioso escritor espírita de publicar *ESPIRITISMO E CRIMINOLOGIA*, com prefácio do renomado cultor do Direito, erudito advogado, proeminente maçom e esclarecido espírita Dr. José Augusto de Miranda Ludolff, editado pela Federação Espírita do Paraná, com a proverbial perfeição de sempre,

na Gráfica Tipoarte Ltda., Rua Cabral n.º 352, Curitiba. E dedicou-me um dêles com expressões muito fraternas.

Consta no volume a conferência feita pelo autor no Instituto de Criminologia da Universidade do Distrito Federal, divulgada pelo *Reformador*, órgão oficial da Federação Espírita Brasileira, casa máter do Espiritismo no Brasil. Diga-se de passagem, sem comentários, que seriam preciosos: foi a FEB quem designou Deolindo Amorim, satisfazendo pedido que a ela foi endereçado, para debater o tema «*Espiritismo e Criminologia*», em sessão pública, solenemente convocada, com dia e hora preditos, pelo presidente do Instituto, Dr. Roberto Lyra, catedrático de Direito Penal da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Tal conferência alcançou uma ressonância extraordinária, repercutindo os comentários favoráveis ao conferencista por todos os meios científicos do Direito e do Espiritismo, no Brasil e no exterior. Em vista da enorme repercussão, Deolindo Amorim recebeu pedido do confrade João Ghignone, presidente da Federação Espírita do Paraná, para divulgá-la em livro ou opúsculo. «Tão pronta foi a nossa aquiescência à idéia daquele estimado confrade, diz Amorim na *Introdução*, como imediata foi a concordância da FEB, assim que consultada a respeito, tanto mais quanto o objetivo da iniciativa é a difusão da própria doutrina espírita, notadamente entre cultores do Direito, uma vez que o tema envolve problemas de natureza jurídica». Ajustando à conferência dissertações correlatas com o tema debatido na sala de aula da Faculdade de Direito, sob a presidência do Dr. Roberto Lyra, com a presença do Dr. Benjamin Moraes, pastor evangélico dos mais conspícuos, vice-presidente do Instituto, e mais uma plêiade de advogados ilustres, espíritas notáveis, estudantes e jornalistas categorizados, Deolindo Amorim formou um tratado espírita, de incalculável significação doutrinária. E, assim, temos, à vista e à mão, *Espiritismo e Criminologia*, que permanecerá como marco de luz no roteiro evolucionista da Doutrina dos Espíritos, assinalando no seu primeiro contacto oficial com a Jurisprudência, uma nova era.

A cada livro publicado por êle, tem-me vindo à lembrança o vaticínio, evidente cada vez mais claramente, formulado pelo Dr. Carlos Imbassahy no prefá-

cio do primeiro livro de Deolindo Amorim, já citado de início, *O ESPIRITISMO E OS PROBLEMAS HUMANOS*, nos seguintes termos: «Para terminar, desejáramos que o autor, com o auxílio daqueles que se deixam sempre atrair pela modéstia e pela bondade, continue, em outras obras de igual fôlego, a sua inexgotável energia em prol de nossos irmãos, e a demonstrar, do mesmo modo, o papel gigantesco do Espiritismo no seio da humanidade. E que faça ver ainda, com o seu poder de lógica e a benignidade de seu estilo, que êsse papel não se limita a um misticismo improdutivo, senão que se volve para todos os campos onde pode chegar a nossa atividade, que se dirige a tôdas as disciplinas onde vai o nosso co-

nhecimento, que alcança tôdas as esferas onde pode chegar a evolução».

Estudantes e Mestres, em Direito, amantes da evolução da ciência irradiada de Roma para todo o mundo, espíritas desejosos de futuro mais grandioso para a humanidade, espiritualistas de todos os setores da luz divina, cumprindo o nosso dever de colaboração com aquêles que difundem a Verdade e dignificam a Justiça, propaguemos os livros como *ESPIRITISMO E CRIMINOLOGIA*. Evitemos, além do mais, o sacrilégio de entregá-las à eternidade das estantes, no convívio imundo de traças, carunchos e baratas.

Aleixo Victor Magaldi

Volta Redonda, Outubro — 1957.

Govêrno de Povo

Dr. Giuseppe Manuel Minardi

(Associação Paulista de Imprensa)

A história continua o seu caminho sem parar. Cada século produz, elabora, assimila um conceito e, isso feito, entrega-o, como patrimônio hereditário que se acumula, ao século seguinte, que se prepara para novas criações.

Assim é que, por exemplo, a Idade Média, por entre paixões e violências, atos de barbaridade e místicas visões, entregava-se à construção das consciências. Nessa Idade Média estavam-se forjando as grandes construções espirituais dos povos em uma titânica e marasmática fermentação psíquica. Assim a revolução francesa, nas suas grandes dores, no caos e nas aberrações político-sociais, trouxe à luz, no histórico advento político da «burguezia produtiva», as leis biológicas e do viver social. Estas leis entorpecidas por milênios sofreram hoje um choque repentino no setor evolutivo da civilização, do mesmo modo estamos hoje lançando a semente não só para uma maior civilização futura, mas também para as grandes construções da moral, do civismo e da política para um maior advento da intelectualidade consciente, (a não ser confundido com o atual amontoado mental confuso da cultura hodierna) em um amadurecimento de raça, dotado de ins-

tintos mais elevados, que faz do homem um ser seletivo para a função social de comando.

Essa função de govêrno deve estar logicamente ligada, por inconfundível qualidade de raça, e não por sobreposição de cultura e de títulos, a uma elite insubstituível, assim como, na natureza, onde nenhuma célula de tecido muscular pode substituir outra a que estejam confiadas funções nervosas e cerebrais.

Devemos ter como conceito básico a divisão de trabalho por especializações de capacidade, sendo êste o único alicerce biológico que pode justificar o conceito do moderno corporativismo, com um estado orgânico, diferenciado nas unidades tornadas compactas em sua fusão, qual expressão viva do organismo biológico coletivo.

Não cairemos mais nos velhos êrros das construções ideológicas com fundamento quimérico, mas nós nos orientaremos pela realidade da vida concreta nas suas mais profundas raízes que se aprofundam na fenomenologia universal.

Se a Idade Média, nas suas condições sociais involuídas, não permitia ao indivíduo mais que um vago sonho de

libertação individual pelas vias de desprendimento místico, hoje nascem a Nação e a Coletividade constituindo-se em forma orgânica em cujo seio o indivíduo pode chegar à sua completa manifestação e realização; se a Idade Média limitou-se às construções preferentemente individuais, hoje o ciclo das construções e conquistas são coletivas. Já não é mais concebível o indivíduo isolado em uma nação organizada, ainda que seja um santo, em mística fuga ao consórcio humano, mas o indivíduo é concebido em fusão com a coletividade e em uma contínua e fecunda colaboração.

Passou a época em que o Estado era um simples poder central dominador; em uma nação moderna êle deve ser o cérebro do seu povo e não pode então deixar de ser senão a expressão de uma consciência nacional, de uma unidade de espíritos baseada em uma unidade étnica.

Por essa senda a Nação continuará a sua ascensão evolutiva, a absorver e a organizar, não somente representar, todo um povo, num progressivo processo de concentração e desconcentração, com, cada vez mais, intensos contatos, entre periferia e o centro. Com isso não será comprometida a autoridade, mas o povo terá que fundir-se nela, numa corrente de fluxos e refluxos que o tornará, cada vez mais, um organismo em função, consciente e compacto.

A realidade biológica por si mesma nos indica as linhas do ideal social: trabalho-função e divisão, especialização e reorganização de capacidades e de atividades. Através dos vários ensinamentos de povos em contínua fermentação político-social-econômica evidencia-se inelutavelmente que hoje o povo não é mais

um domínio, mas sim um organismo do qual o Estado é a alma; a nação não pode ser senão o povo, e o povo não pode existir senão organizado na Nação.

A nossa tendência constante é fortemente orientada na procura da unidade política, científica e espiritual. O campo político é, a saber, *campo de verdades relativas e progressivas*; como a nação é um conceito de contínua progressão, sendo o povo uma unidade em contínua evolução. A nosso ver em um estado, ou nação que seja, o povo não deve ser mais uma grei governada, que só deve dar e obedecer, mas sim o corpo do cérebro central, o organismo de uma alma diretora que por tôda parte o penetrará e o vivificará com seus tentáculos e ramificações nervosas. Não deverá ser mais um chefe, uma classe, ou uma maioria, que comandem por si sós, mas uma porfia de dedicação no cumprimento recíproco de deveres, na cooperação, enfim, uma fusão completa e harmônica num trabalho comum, com finalidades também comuns.

Conceitos êstes que deverão fecundar o espírito e os corações dos futuros representantes do povo; os dirigentes, desprovidos das paixões de agremiação e pessoais, de egoísmo e de egocentrismo, deverão dar os frutos que a Nação, por ter-lhes delegado amplos poderes com os pleitos eleitorais, espera, com absoluta confiança, os resultados de um trabalho honesto e construtivo, sem exceder no arbítrio e na passividade, poder de progresso e de justiça onde o poder nacional se identifique com o povo e êste com a Nação segundo o axioma: «o estado é o povo e o povo é o estado, tudo dentro do estado e nada contra êle».

OBRA DE RESTAURAÇÃO

A obra de restauração das primícias do Cristianismo, na Terra, requer a irmanação de esforços e o esboçamento de diretriz segura, livre de influências dogmáticas e de princípios fundamentalmente distanciados das normas traçadas por Jesus Cristo.

O Espiritismo encerra em sua estrutura um idealismo sadio e representa perene convite às mentalidades prestes a se libertar dos dogmas, pela influência da Verdade.

Para que essa obra tenha curso o mais breve possível, torna-se inadiável o conagraçamento de todos os espíritas em torno do Movimento de Unificação.

(Campanha de Esclarecimento do Departamento de Publicidade da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE)

Nós e os nossos acompanhantes do Espaço

Nós todos temos, com o nascimento, o nosso Guia Protetor Espiritual: Face a êste mundo material, como é a Terra, em que sempre houve até hoje esteio dilatado, propício e mesmo conspirativo para os deslises, para a negligência, irresponsabilidade ativa, para os malfeitos e abusos, seria suficiente um só guardião espiritual a cada pessoa, principalmente dando-se como certo o conceito de que a alma é fraca na frágil carne? Parece-nos fortemente que um só protetor do espaço seja suficiente, sim, a tutelar no BEM o seu pupilo durante todo o transcurso dêste no mundo físico terreno. Porque naturalmente o Guia há de ser entidade espiritualmente bem mais avançada que o tutelado. Isso significa que um só protetor será apto de todo a supervisionar a inteira estrada de BEM do indivíduo físico, pois por maior evolução que êste fizer numa existência carnal, sempre estará aquém do grau progressional do respectivo Guia. Mas, essas considerações podem ser postas de lado sem mais delongas apreciando-se apenas o ACERTO patente, até nas coisas mínimas, das providências do Alto, providências que não iriam falhar e falir num detalhe assim importante.

Obviamente o Guia Protetor será substituído por outro quando o pupilo, desencarnando-se, voltar ao etéreo. Aí o ex-tutelado terreno terá, segundo o próprio adiantamento, outro campo de percepções, sensações e atividade, e, compreende-se, terá um Guia ao padrão peculiar ao novo estado. É que perseverando no BEM, tudo se nos resulta fácil, somos auxiliados facilmente sempre mais e melhor pelo nosso Guardião e o auxiliaremos também; lado a lado vamos com êle para a frente, para mais alto, achegando-nos à compreensão, à elucidação, à clareza que êsse mesmo Guia já atingiu. E imensa é a satisfação, a alegria dêle pelo nosso assimilar da LUZ, pela nossa progressão. Aí êle sente-se como mestre que vê coroada de êxito a sua dedicação pelo aluno, sente-se como pai a exultar com o desenvolvimento pleno do filhinho. Imaginemos o júbilo cordial amoroso do Guia rendendo graças a Deus o bom decorrer da sua missão, imaginemos as lágrimas de

gratidão do Guia pelo nosso progredir, imaginemos as lágrimas de amargura dêsse Guia pelo nosso desviar do caminho da fé, do Bem!

De fato, se envêredarmos o MAL, estaremos no negativo. Começa que com o persistir no êrro, afastamos de nós o nosso Guia e a sua proteção, dando acesso não a UM e sim a MUITOS Espíritos levianos, maus, perigosos. Se pudéssemos, com olhos espirituais ver a criatura boa e a criatura má, veríamos aquela em claridades, na sintonia de paz e contentamento com seu protetor do espaço, e a má em atmosfera obscura, densa e sob o assédio de MUITOS Espíritos perniciosos, agressivos, perturbados. Aliás o BEM já é em si mesmo singeleza, enquanto que o MAL vai pela multiplicidade.

À medida que nos isolamos do bem e conectamos com os erros, automaticamente dilatamos o circuito de ligação com mais e mais Espíritos atrasados, torvos, viciosos. Dir-se-á que a cada descida ou queda no mal, nova entidade trevosa se associa ao malfeitor e o influencia decidida. Com o tempo, se a reação moral, evangélica não se der, passa a criatura a ser verdadeiro juguete dêsses Espíritos infelizes. Na concordância através do mal, entre encarnado e desencarnados, êstes passam a senhorear-se daquele numa escala que pode ir do chamado encôsto às obsessões simples ou avançadas, e destas às possessões que ora causam disfunções, ora sérias lesões orgânicas.

Repita-se: os que elaboram o mal sofrem a ação de UM GRUPO de Espíritos atrasados. No Evangelho de Marcos e Lucas temos uma passagem a êsse respeito: a do possesso gadareno que furioso partia grilhões, clamava dia e noite pelos montes e sepulcros, sem que alguém o pudesse acalmar. Jesus pergunta-lhe qual o seu nome, e o homem: — LEGIÃO é o meu nome, pois somos muitos.

Através das fraquezas e vícios maiores, da perversidade, do crime, o encarnado reforça sempre mais e mais sua ligação com os maus do invisível, cria concordância inteira com êles, uma verdadeira simbiose de trevas, de infelicidade, de horror.

31 de Março

NASCIDO a 3 de outubro de 1804, em Lyon, França, e desencarnado em 31 de março de 1869, Allan Kardec, o sábio codificador do Espiritismo, deixou, de sua passagem pela vida terrena, a maior esteira de luz para a humanidade. Sábio, verdadeiramente, pelos profundos e vastos conhecimentos científicos, o foi também pela prudência e o rigor com que tratou de todos os assuntos de suas obras numerosas, a ponto de ser

que abriu para o homem o horizonte infinito da vida, demonstrando-lhe a sua imortalidade, e lhe deu a esperança e a certeza de melhores dias para seu futuro, na luta constante pelo aperfeiçoamento moral e espiritual, igualmente infinito, quer nos planos planetários, quer no mundo dos espíritos.

Allan Kardec, com o Espiritismo, veio reviver o Cristianismo, no sentido perfeito dos ensinamentos de Jesus, quando a civilização terrestre, pelo materialismo das religiões, já se lançava no sombrio materialismo generalizado, da sua época, salvando assim o pensamento humano da tétrica concepção do nada, além desta existência transitória, onde as dores suplantam as alegrias, e, onde, portanto, deviam fanar-se as mais legítimas aspirações dos pobres habitantes do planeta. Trouxe, sem dúvida, hoje o sabemos, o grande sábio, lídima glória universal, a aurora da Revelação, que deslumbra, que esclarece, que conforta, dando-nos a todos o roteiro da felicidade, na realidade imortalista, que a sua obra demonstra para benefício geral e evolução da terra no sentido de espiritualidade, pregada pelo filho do Carpinteiro da Galiléia.

Salve, pois, Allan Kardec, o missionário da luz, o mensageiro da esperança, o construtor da verdadeira religião, baseada na ciência e na filosofia.



ALLAN KARDEC

considerado como sendo o bom senso encarnado e o fundador de uma doutrina, que é um monumento de lógica, ao mesmo tempo em que é também a mais consoladora filosofia e a religião por excelência.

Aliás, para os seguidores da Doutrina espírita, Allan Kardec, é o mestre incontestado e incontestável, que recebeu, através de suas investigações científicas, a mensagem maior da Terceira Revelação,

AVISO - Avisamos aos nossos prezados assinantes que, em virtude das férias regulamentares que vamos conceder ao pessoal das oficinas, a edição do próximo mês, desta Revista, sairá juntamente com a edição de Maio.

Crônica Estrangeira

Espírito Que Volta

De «Estudos Psíquicos»

Uma senhora que se oculta sob as iniciais D. W. escreveu a seguinte carta ao jornal *Leader*, de Nelson, Inglaterra, quatro meses após a cremação do cadáver do marido:

«Sucedeu-me há dias um caso tão estranho e fora do vulgar, que julgo não encontrar para êle explicação racional. Note-se que eu não sou atreita a imaginação, nem a sentimentalismos

«Meu marido morreu há quatro meses e, a seu pedido, o corpo foi cremado em Skipton. Um dia estava sentada na minha sala de visitas a escrever, quando alguma coisa me obrigou a levantar os olhos. A um metro de distância, meu marido encontrava-se de pé a olhar para mim. Encarei-o incrêdulosamente e exclamei sem querer:

«— Jack!

«Êle sorriu-se e respondeu:

«— Doris, não te aflijas. Estou bem e sou feliz. Onde estou é tudo maravilhoso.

«Depois, curvando-se para a frente, passou a mão pelo meu ombro, como fazia em vida, e disse-me:

«Não posso estar mais tempo. Agora, sabes...

«—E afastou-se e extinguiu-se, não através da porta, mas através da parede... Foi o que me pareceu. Tive a impressão de que foi para a parede ou foi a parede que o envolveu.

«Êste é o meu caso, que não mais se repetiu. Não o compreendo, mas a figura que eu vi era real e objetiva. Senti a mão a tocar-me no ombro e lembro-me de lhe ver os pêlos da mão. De resto, estava vestido como êle sempre se vestia.

«Terá isto qualquer explicação? O seu corpo foi cremado. Então foi êle ou o seu duplo que me falou e tocou».

A sr.^a D. W. escreveu como profana em coisas de psiquismo e por isso maior valor devem ter as suas palavras. Não defende nenhuma doutrina e limita-se a contar o fato. Para nós foi o espírito que voltou, como voltam tantos outros.

Veio animar a espôsa, dar-lhe esperança em nova vida com a presença visível.

É, na verdade, um deslumbramento inacreditável. São muito raros os fenômenos dêste gênero. Surgem aqui e ali para edificação do mundo ou como prova de amizade duradoira. Nesses momentos desaparece inteiramente a idéia de morte. Tudo é vida. O sepulcro não destrói as almas. Armazena despojos que se vão transformar, em obediência à Lei. As almas continuam a viver em ligação com os que ficaram.

— Agora, sabes... — disse Jack à senhora D. W. — É que ela não acreditava na sobrevivência do espírito e tinha necessidade do fenômeno. Felizes dos que acreditam sem fenômeno!



Aviso Providencial

De «Estudos Psíquicos»

Two Worlds conta um caso verdadeiramente impressionante passado com o sr. Wyatt Merle Kilgore, diretor do programa radiofônico de uma estação emissora de Louisiana.

Estava êle em sua casa, na Bossier City, quando ouviu tocar o telefone. Apressou-se a atender e reconheceu a voz do médium J. Bernard Ricks, que havia encontrado alguns dias antes.

O médium disse-lhe então que sentia qualquer coisa grave em casa de Kilgore, relativa a dificuldade de respiração.

Kilgore encontrou a filha mais nova com os cobertores sôbre a cabeça, semiconsciente, muito pálida e melancólica.

Levou-a ao hospital, onde lhe fizeram tratamento. E ao cabo de esforços consideráveis a garota recuperou os sentidos.

Kilgore disse então:

Estou convencido de que Ricks lhe salvou a vida!

Eis uma bela faceta das faculdades mediúnicas, tão preciosas e necessárias, que é desolador ouvir recalcitrar contra elas.



Uma visita ao Mundo Espiritual

O «Daily Mail» relatou a seguinte ocorrência:

«Durante uma operação muito grave, o coração do Snr. John Puckering parou e os cirurgiões, por meio de massagens e injeções de estimulantes diretamente no coração, conseguiram fazê-lo pulsar de novo e o homem restabeleceu-se completamente.

O repórter do citado jornal entrevistou o paciente em sua residência, em Arley, perto de Bendley, dele ouvindo o seguinte:

— Antes de ser operado, grande era minha apreensão pela morte, não tanto pelo temor mas pelo receio do desconhecido. Hoje êste receio já não mais existe. Foi isto que eu vi:

Pareceu-me estar num local muito amplo e bem iluminado, onde havia enorme multidão. As entidades estavam de pé, em círculo, com aspecto natural, aparentando perfeita saúde e mostrando-se vestidas como nós na terra. Notei a ausên-

cia de crianças. Os rostos daquelas entidades manifestavam uma tão intensa felicidade, que tive o desejo de me unir a elas. Na multidão descobri dois ou três amigos, da minha aldeia, já falecidos, sendo que um deles morreu sete anos atrás. Todos pareciam acolher-me com prazer e o que morrera havia sete anos, fazia-me sinal com sua cabeça e sorria. A felicidade de todos os que ali estavam empolgou-me e perdi todo o terror da morte.

A filha do operado, que estava presente à entrevista, acrescentou que, quando o pai se reanimou, perguntou logo pela saúde da mulher, que já havia falecido quinze anos antes e também pediu informações sobre alguns amigos, explicando, mais tarde, que os havia visto no «outro mundo». Êle se referia a êsses amigos, disse a filha, como se ainda vivessem.»

Há anos, o mesmo «Daily Mail» narrou o fato de um capelão americano que fôra declarado morto, por febre amarela, restabeleceu-se e depois fêz a seguinte declaração:

«Afirmo que o ato de morrer foi um dos mais agradáveis e sensacional episódio de minha vida, à qual, entretanto, nunca faltam emoções fortes.»

ESPIRITISMO NO BRASIL

As Obras Assistenciais do Espiritismo

Continuando nossa publicação sobre as obras de assistência social espírita, que se espalham por todo o Brasil, vamos relatar a existência de várias outras, alongando a lista dessas realizações, cuja divulgação iniciamos nestas colunas. Essas obras, que constituem uma afirmação de fé e de sinceridade de nossos irmãos de ideal, são escolas e educandários, casas de saúde ou sanatórios, lares infantis, abrigos de velhos, albergues e vilas para pobres desamparados, e

mais tôda a sorte de assistência dos Centros e Mocidades espíritas, como distribuição de roupas e agasalhos, calçados, gêneros alimentícios e remédios, transformando até, em muitos casos, as suas próprias festas em verdadeiros movimentos de assistência e solidariedade humana, dentro dos preceitos cristãos de amor ao próximo e de caridade como dever e imperativo de consciência dos que realmente se iluminaram com a aurora do Espiritismo

É, como afirmamos, um esforço continuado, sem precedentes no mundo, ao qual devemos acrescentar a ingente dedicação de quantos trabalham sustentando a imprensa espírita, a mensageira da luz e da paz, falando a linguagem nova da Terceira Revelação, a qual, na promessa do Mestre, é o Consolador dos desesperançados, que precisam de fé e alento para vencer a jornada terrena em busca da felicidade presente e futura.

A propósito, aqui vai a continuação de nosso noticiário:

Hospital Espírita de Marília

Filiado ao Instituto Assistencial Espírita de Marília, para tratamento de doenças nervosas-mentais e toxicomanias, êste Hospital, inaugurado em 18-7-1948, foi reconhecido de «utilidade pública» pelo Decreto Federal 43.452 de 23-3-1958.

Tem a sua sede à rua Joaquim de Abreu Sampaio Vidal, 470, com telefone 5119 e Caixa Postal 645, na cidade de Marília, Estado de São Paulo.

Em suas atividades assistenciais, o Hospital atendeu, desde sua fundação, até o fim de 1958, a 6.747 doentes, sendo 3.872, gratuitos, e 2.875 pensionistas, com um resultado, no último ano, de 42.76% de doentes curados e 51.72% de melhorados. Entre os beneméritos que lutaram e lutam pela existência dessa grande instituição, uma das maiores e das melhores organizações no gênero, conta-se o nome de Eurípedes Soares da Rocha, nosso velho amigo.

Pelo Relatório, que temos em mãos, a Diretoria do Hospital até fins de 1958, tinha como Provedor o confrade Frediano Giometti. Dêsse Relatório, extraímos o seguinte: «Ê o *Hospital Espírita de Marília*, pois, indiscutível realidade, nascida do ideal e trabalho de um pugilo de homens de boa vontade, para a esperança e o consôlo de semelhantes, que, outrora, imersos na insanidade mental, tinham como abrigo as celas infectas das cadeias públicas.»

Casa de Saúde «Allan Kardec»

Outra grande realidade assistencial para enfêrmos

nervosos e mentais é a Casa de Saúde «Allan Kardec», de Franca, neste Estado, sob a direção de José Russo, o infatigável trabalhador da boa causa.

Aguardamos relatório dela ou dados gerais para podermos destacar os benefícios que vem, há muitos anos, dispensando a necessitados, que ali são socorridos dentro do lema cristão de amor ao próximo.

Educandário Pestalozzi

Ainda de Franca, esperamos informes que nos habilitem a relatar as atividades dêste acreditado Educandário, dirigido pelo dr. Thomaz Novelino, nome conceituado em todos os meios sociais, tanto na sua profissão como na qualidade de espírita convicto.

Centro Espírita «Amantes da Pobreza»

Sejam-nos permitidas, algumas palavras sôbre esta velha entidade matonense, fundada, em 1905, por Cairbar Schutel, com os poucos companheiros da primeira hora, a qual presta, há mais de 53 anos, assistência constante e realiza, sem interrupção, em todo êsse tempo, o seu Natal dos Pobres, assaz conhecido no país.

Após o traspasse do Schutel, o Centro assumiu a responsabilidade da manutenção de «O Clarim» e sua Livraria Editora, e da «Revista Internacional do Espiritismo».

Não é preciso dizer mais de uma instituição que enfrenta tamanha tarefa a bem geral.

Mocidade Espírita «Cairbar Schutel»

Também em Matão, existe esta Mocidade, exemplo de socorrista com sua Vila «Cairbar Schutel» e o seu Lar Infantil «Cairbar Schutel», dando abrigo a famílias pobres e a crianças desamparadas.

Num esforço inaudito, fruto de profundo espírito de caridade, vencendo dificuldades sem conta, alguns moços levam avante essas obras modestas mas eficientes.

Vila «Padre Vitor»

Sôbre esta Vila, fundada em 1951, pelo Centro Espírita «Amor e Humildade», no bairro do Cascalho, em Pouso Alegre, Sul de Minas, transcrevemos de seus Estatutos: «Art. 1.º—A Vila «Padre Vitor», declara para todos os fins que é apolítica, abrigando em seu seio tôdas as pessoas necessitadas sem cogitar de suas crenças, côres ou raças. Art. 2.º—A Vila «Padre Vitor» construirá dentro do possível casas para moradia de famílias comprovadamente pobres e sem recursos.»

Por essa pequena citação estatutária se pode avaliar das intenções honestas e de caridade dos promotores de uma obra tão singela e útil.

Lar Espírita de Uberaba

Muito há que salientar a respeito das realizações espíritas de Uberaba, a grande urbes mineira em que o Espiritismo assentou foros de cidade.

Mas agora reproduziremos apenas o seguinte de sua folha local, a «Flama

Espírita»: «O Lar Espírita de Uberaba, instituição que proporciona assistência material, moral e espiritual a quarenta internas, procura, através de sua Diretoria, permitir-lhes tôda a aprendizagem possível e necessária, a fim de que se tornem criaturas habilitadas no exercício de uma função digna e que possa constituir no futuro, se necessário, uma profissão honrosa, capaz de suprir-lhes a manutenção própria.

Assim é que diversas meninas estudam música, se aprimoram nas lides domésticas, costuram, frequentam cursos de escola primária e secundária, etc.»

Instituição Jesus Cristo

Organização de Assistência social e Espiritual, com sede em Santa Maria da Vitória, no Estado da Bahia, mantém, além da assistência alimentar, de roupas e de remédios aos pobres, sob o título de «Igreja do Caminho», o Lar Mãezinha Ivete Moura e o Instituto Educacional «Paulo de Tarso», Ambulatório Dr. Bezerra de Menezes e Serviço de Alto-Falantes — «Vox Clamantis».

Seu Relatório, aliás resumido, registra o atendimento de 2.020 enfêrmos, compreendendo 1.905 no Ambulatório e 115 a domicílio, no exercício de 1957 a 1958.

É, como se vê, mais uma valiosa instituição espírita de beneficência.

A volta de Gianela

A maestrina Gianela De Marco, que se encontra em São Paulo há tempos, está respondendo a perguntas no programa «O Céu é o

limite», da TV-Tupi, canal 3. Gianela volta a São Paulo depois de dez anos de sua primeira visita à nossa Capital, quando teve ocasião de se apresentar ao público, em vários concertos dirigindo a Orquestra Sinfônica Municipal. Como Pierino Gamba, o menino-prodígio sôbre o qual o escritor Isidoro Duarte Santos publicou um livro de interpretação espírita, Gianela De Marco dirigia orquestras, em concertos sinfônicos, com apenas seis anos de idade, sem nenhum conhecimento de música. O Club dos Jornalistas Espíritas promoveu um concêrto, com a Orquestra Municipal, no Ginásio do Pacaembu, para uma explicação pública do caso. O ginásio esteve repleto, a maestrina dirigiu magistralmente, e o saudoso confrade João Batista Pereira pronunciou uma palestra sôbre a importância do caso Gianela, como demonstração incontestável da lei de reencarnação. Na mesma ocasião foi lida uma mensagem mediúnica de Bezerra de Menezes, a respeito. Agora, na sua volta a S. Paulo, a maestrina é uma jovem, que já realizou um curso de música em conservatório itálico. Milhares de pessoas, entretanto, se lembram da menina de seis anos que dirigia orquestras e que foi apresentada no Pacaembu como um caso notável de reencarnação.

Música de Schumann

O confrade Cícero Pimentel, nosso colaborador, residente em Santo André, à rua Rio Grande do Norte,

156, casa 1, tem algumas cópias da Música mediúnica de Schumann — Meu último suspiro — que foi publicada em «Luce e Ombra» em 1907.

Os interessados poderão dirigir pedidos ao confrade Pimentel, no endereço acima indicado.

De São Paulo

O «Diário de S. Paulo», em uma de suas últimas edições do mês de janeiro, publicou as duas notícias seguintes:

Engenheirandos Espíritas — Realizou-se dia 30 último, às 20 hs., no auditório da Bibliotéca Municipal, a cerimônia espírita do programa de colação de grau dos engenheirandos dêste ano da Escola Politécnica da Universidade de S. Paulo. A solenidade foi inicialmente presidida pelo jovem engenheiro Ariel Tacla, e a seguir pelo dr. A. Schliter tendo usado da palavra os confrades Eurípedes de Castro e Herculano Pires. O auditório esteve repleto, e tomaram assento à mesa os representantes de numerosas instituições doutrinárias da capital.

Club dos Jornalistas — Reincariaram-se ontem os «serões espíritas» do Club dos Jornalistas, à rua São Bento, 21, sobreloja, sob a direção de Irmão Saulo. Os serões se realizam aos sábados, das 19,30 às 21 hs., para estudo do «Livro dos Espíritos», através de livre discussão, e debate de temas doutrinários. Entrada franca aos que se interessam pelo estudo da doutrina espírita.

Em São Paulo

Centro Espírita «Cairbar Schutel»

Como acontece todos os anos, na data de 30 de Janeiro, a Diretoria do Centro Espírita «Cairbar Schutel», sito na Capital de São Paulo, Rua 1932 n.º 477, Itaim-Bibi, fez realizar uma reunião em homenagem ao seu patrono, Cairbar Schutel, onde tomaram parte tôdas as crianças do Catecismo Espírita, diretores e associados.

Este ano foi comemorado no dia 31 de Janeiro, sábado, nos salões da Biblioteca Infantil Municipal do Itaim, Rua Lopes Neto, onde se notou o compare-

cimento de inúmeras pessoas.

A sessão teve início às 20 horas com uma prece. Abriu e dirigiu os trabalhos, o nosso confrade Alfredo Pagliarini, que, com brilhantismo falou acêrca da vida do homenageado, sendo aclamado por todos os presentes. Em prosseguimento foram desfilando pelo palco os seguintes «diálogos» que foram ministrados pelas esforçadas companheiras Amélia M. Pagliarini e Euzapia P. Pagliarini, professôras do Catecismo Espírita e Escola de Alfabetização: «A Cigarra e a Formiga»; «Diálogo dos Extremos»; «A Alegria não se lembra de Deus»; «Uma pergunta e Respostas»; «Contrastes»;

«O Sonho de Denizetti»; «O Amor Multiplicado»; «Carta aos Pais» e «A Visita de Jesus».

Tiveram atuações destacadas os seguintes: Jurema S. Pagliarini, Salomé Alves, Wilma Guidini, Walda Munhoz, Flamarion Ismael Alves, Carlos Meciano, Walter Guidini, Fenelon Alves, Filemon Alves, Joel Alves, Marcos Meciano, Ivan Alves da Silva, as meninas Eunice, Suely, Marly, Alda, Assunta e os adultos, Maurício Guidini, Euzapia P. Pagliarini, Waldomiro Alves, Francisco Guidini e Domingos Meciano.

A reunião encerrou-se às 22,30 horas com grande distribuição de livros espíritas e doces a todos os presentes.

Instituto de Cultura Espírita do Brasil

Reiniciando as suas atividades, após o período de férias, o Instituto de Cultura Espírita do Brasil realizará, no dia 20 dêste mês, 6.ª feira, às 20 horas, a sua sessão especial, no auditório do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, para a aula inicial do 2.º ano. No dia seguinte, sábado, das 16 às 18 horas, começarão as aulas normais, com entrada franca, na rua dos Andradas 96 — 12.º andar.

De acôrdo com o programa que foi aprovado, em sessão conjunta, pela Diretoria e o Corpo de Professôres do Instituto, as matérias do corrente ano estão assim distribuída:

- *Didática aplicada ao Espiritismo* — Prof. José Jorge.
- *História da Filosofia* — Prof. Newton de Barros.
- *História das Religiões* — Cel. Delfino Ferreira.
- *Psicologia à luz do Espiritismo* — Dr. Lauro S. Thiago.
- *Elementos de Fisiologia*, partindo da conceção tríplice do homem:

corpo, espírito e perispírito — Dr. Tulio Chaves.

— *Noções básicas da Geologia*, tendo em vista a *Gênese*, de Allan Kardec — Engenheiro Renato G. Pinheiro.

— *Fundamentos do Espiritismo* — Deolindo Amorim.

Sendo o objetivo precipuo do Instituto ministrar cursos de Espiritismo para o público, não há taxa de inscrição nem pagamento de espécie alguma. O Instituto está funcionando provisoriamente na sede da Liga Espírita do Distrito Federal, por gentileza da diretoria da Liga, na rua dos Andradas 96 — 12.º andar, Rio de Janeiro.



Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. \$ 357.766,20.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalipse», — Cairbar Schutel.

À venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr.\$ 76,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.^a edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

À venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr.\$ 26,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.^a, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sobre a tese de seu título e das curas espíritas.

À venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr\$ 25,00 e mais cr\$ 6,00 para o porte e registro.

Uma Grande Vida

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

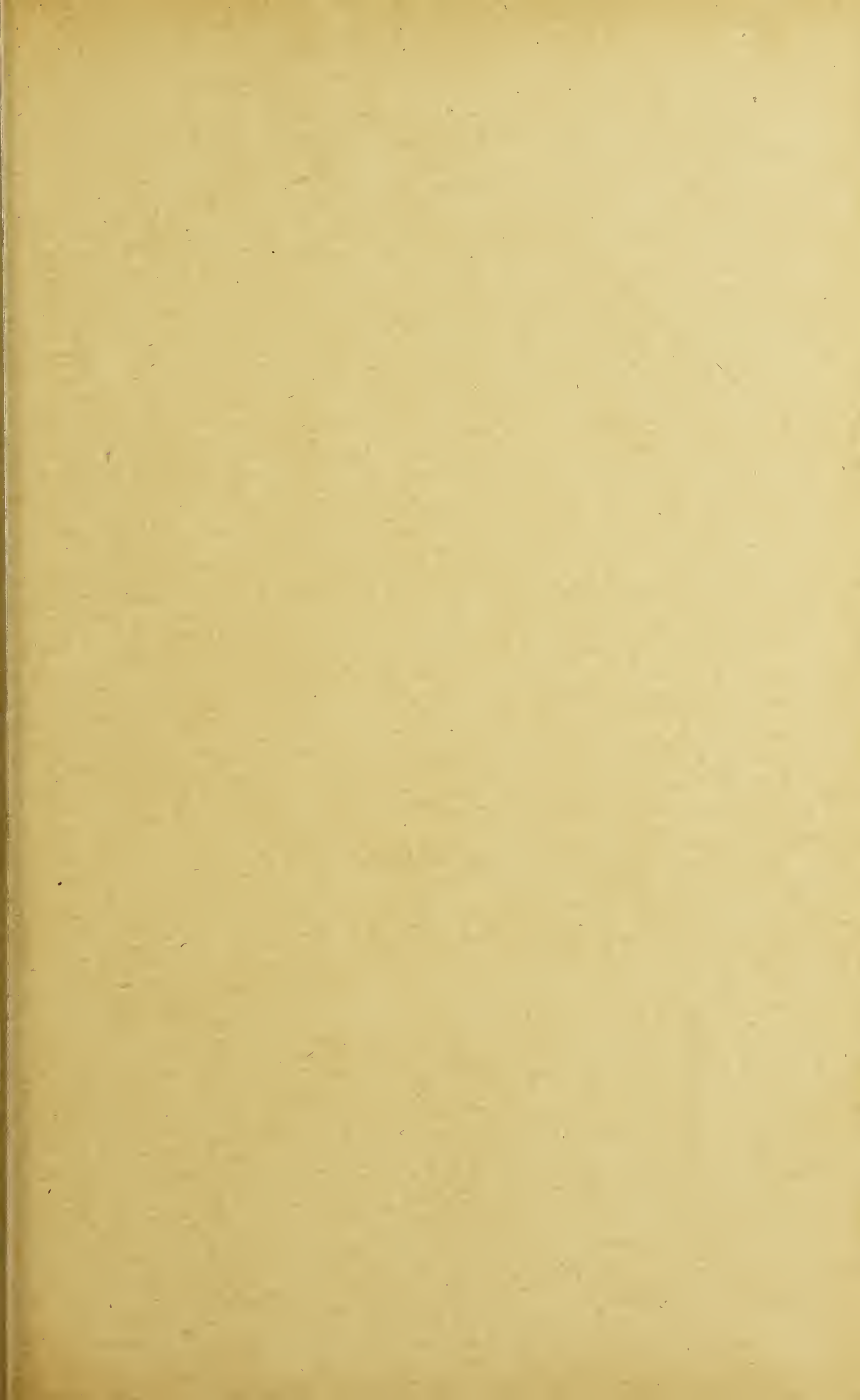
— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 60,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades



Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinamentos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr\$.25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo

Redator: Italo Ferreira

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$120,00
Semestre	—	„ „	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	„ „	90,00

NUMERO AVULSO CR.\$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.º andar — Sala 2 — SÃO PAULO

